

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
CAMPUS PROFESSOR ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS-PORTUGUÊS**

THIAGO DE ARAUJO SANTOS

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE SEXUAL DE RAIMUNDO EM *A PALAVRA
QUE RESTA* (2021), DE STÊNIO GARDEL**

**PARNAÍBA
2025**

THIAGO DE ARAUJO SANTOS

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE SEXUAL DE RAIMUNDO EM A *PALAVRA QUE RESTA* (2021), DE STÊNIO GARDEL

Monografia apresentada como requisito necessário à Universidade Estadual do Piauí para a obtenção do título de Graduado em Letras Português.

Orientador: Prof. Dr. Ruan Nunes

**PARNAÍBA
2025**

S237c Santos, Thiago de Araujo.

A construção da identidade de Raimundo em A palavra que resta (2021), de Stênio Gardel / Thiago de Araujo Santos. - 2025.
57f.: il.

Monografia (graduação) - Universidade Estadual do Piauí - UESPI, Centro de Ciências Humanas e Letras - CCHL, Licenciatura em Letras Português, Parnaíba - PI, 2025.

"Orientador: Prof. Dr. Ruan Nunes".

1. A Palavra que Resta. 2. Stênio Gardel. 3. Identidade. 4. Teoria Queer. I. Nunes, Ruan . II. Título.

CDD 869.93

THIAGO DE ARAUJO SANTOS

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE SEXUAL DE RAIMUNDO EM A *PALAVRA QUE RESTA* (2021), DE STÊNIO GARDEL

Monografia apresentada como requisito necessário à Universidade Estadual do Piauí para a obtenção do título de Graduado em Letras Português.

Orientador: Prof. Dr. Ruan Nunes Silva

Monografia aprovada em 18 / 06 / 2025

COMISSÃO EXAMINADORA

Ruan Nunes Silva

Orientador: Prof. Dr. Ruan Nunes Silva
Universidade Estadual do Piauí

Renata Cristina da Cunha

1º Examinadora: Prof.^a Dr. Renata Cristina da Cunha
Universidade Estadual do Piauí

Marcílio Machado Pereira

2º Examinador: Prof. Dr. Marcílio Machado Pereira
Universidade Estadual do Piauí

Aprovado em 18 de junho de 2025

Dedico este trabalho às minhas mães que
em momento algum deixaram de me amar.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a minha família, formada majoritariamente por mulheres, que investiram na minha formação e são sempre fonte de apoio e de exemplo a ser seguido. Sou muito grato por ter tido além de uma mãe, tias e minha avó para sempre estarem do meu lado nos momentos mais difíceis e incentivando nos momentos necessários.

Agradeço aos profissionais que participaram da minha formação tanto básica, quanto superior, guardo com carinho os ensinamentos pedagógicos e teóricos repassados, alguns também para a vida. Agradeço ao meu orientador Ruan Nunes, por ter ministrado o curso de Introdução à teoria queer no ano de 2021 e que me auxiliou e me mostrou caminhos dentro desta pesquisa que sozinho jamais encontraria.

Agradeço aos meus colegas de sala, especialmente a Vitória Célia Silva Oliveira, a UESPI não seria a mesma sem você. Agradeço a Emanuelle de Oliveira por ter me apresentado *A palavra que resta* no ano de 2021, me emprestado e ter me encorajado a pesquisar sobre esta obra. Agradeço a professora Rita Alves, por ter ministrado a disciplina de Sociolinguística que me fez revisitar a obra mais uma vez no ano de 2024, foi a partir dessa revisão que decidi que utilizaria com objeto de pesquisa a narrativa de Stênio Gardel. Agradeço também ao Luis Gomes, por estar comigo em alguns momentos de ansiedade e por transbordar ternura e carinho.

Por fim, agradeço a todos que participaram de alguma forma da produção deste trabalho de conclusão de curso (em especial a banca que aceitou ler e avaliar este trabalho), mesmo que não diretamente, na minha construção profissional e na minha formação identitária. Jamais os esquecerei.

-Eita, já bateu saudade, Raimundo? Se quiser te deixo num ponto de ônibus param e tu volta.

-Não, senhor, pra mim não tem volta não.

Stênio Gardel

RESUMO

A obra *A palavra que resta*, de Stênio Gardel (2021), apresenta a vida de Raimundo, um homem de 71 anos, viado e semianalfabeto que ao longo da vida passou por questionamentos em relação à sua identidade sexual. Raimundo é submetido a uma estrutura que impõe sobre ele um padrão dentro do qual ele não reconhece. Nesse sentido, questiona-se como é construída a identidade sexual de Raimundo, protagonista de *A palavra que resta*, de Stênio Gardel, à luz dos estudos queer? Para compreender isso, objetivamos neste trabalho analisar a construção da identidade de Raimundo a partir de uma perspectiva queer. De modo a alcançá-lo, elencamos a fortuna crítica de *A palavra que resta*, de Stênio Gardel, além disso definimos os pressupostos teóricos da teoria queer, com ênfase no conceito de identidade sexual, para que finalmente identificássemos os processos de construção da identidade de Raimundo por meio de suas relações inter- intrapessoais em termos de sexualidade. Dessa maneira, organizamos esta pesquisa em dois capítulos de fundamentação teórica aliada à análise: o primeiro aborda os conceitos e postulados de autores da história do movimento gay à teoria queer e dos estudos queer como Richard Miskolci (2012), Gayle Rubin (2017), Tamsin Spargo (2017), Guacira Lopes Louro (2018), Michel Foucault (1996, 2021), Judith Butler (2019, 2022) e Renan Quinalha (2022). O segundo capítulo discute os conceitos de identidade e identificação a partir de Stuart Hall (2006) com uma inflexão de viés queer (Jagose, 2017), destacando ainda o processo de desidentificação, teorizado por José Esteban Muñoz (1999). Ao final, observamos que Raimundo reproduziu por muito tempo a estrutura heteronormativa perpetuada pela sua família. No entanto, ao vivenciar relações, como conhecer e conviver com Suzanný, começou a identificar-se com ela e desidentificar-se da norma a ele imposta.

Palavras-chave: *A palavra que resta*; Stênio Gardel; identidade; teoria queer.

ABSTRACT

Stênio Gardel's (2021) novel *A palavra que resta* presents the life of Raimundo, a 71-year-old man, queer and almost illiterate, who spend his life questioning himself in terms of his sexual identity. Raimundo is submitted to a structure which imposes on him a sexual pattern with which he does not fully identify. In this sense, the question arises: how is the sexual identity of Raimundo, the protagonist of Stênio Gardel's *A palavra que resta*, constructed in light of queer studies? In order to comprehend this issue, in this study, we aim to analyze the construction of Raimundo's identity from a queer perspective. To achieve this, we will first review the critical reception of *A Palavra que Resta* by Stênio Gardel, followed by a discussion of the theoretical foundations of queer theory, with an emphasis on the concept of sexual identity. Finally, we will identify the processes involved in the construction of Raimundo's identity, focusing on his interpersonal and intrapersonal relationships in relation to sexuality.. Thus, this investigation has been organised in two sections which interweave theoretical discussions and analyses. The first chapter focuses on the history of the transformation of the gay movement to the queer one, taking into consideration the writings of Richard Miskolci (2012), Gayle Rubin (2017), Tamsin Spargo (2017), Guacira Lopes Louro (2018), Michel Foucault (1996, 2021), Judith Butler (2019, 2022) and Renan Quinalha (2022). The second chapter discusses the concepts of identity and identification from Stuart Hall's (2006) standpoint while also presenting queer lenses (Jagose, 2017), with special attention to the concept of desidentification theorised by José Esteban Muñoz (1999). In the end, it is concluded that Raimundo has reproduced the heteronormative structure inherited from his family for a long period. However, by living with other characters, such as his experiences with Suzanný, he began to identify with her and to disidentify with the norms imposed on him.

Key-words: *A palavra que resta*; Stênio Gardel; identity; queer theory.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 VOZ SILENCIADA E QUESTIONAMENTO DA IDENTIDADE: LITERATURA, HISTÓRIA E CRÍTICA DAS NORMAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE	17
2.1 Silenciar para existir: a narrativa de dor e resistência de Raimundo.....	17
2.2 Do movimento gay à teoria queer: o nascimento do pós-identitarismo	19
2.3 Refutar o rótulo: dissidências de sexualidade em <i>A palavra que resta</i>	24
2.4 Sexualidade como performance: crítica à naturalização do gênero e do desejo	33
3 IDENTIDADE EM CONFLITO:AS (DES) IDENTIFICAÇÕES DE RAIMUNDO E A CONSTRUÇÃO DA DIFERENÇA.....	38
3.1 Identidade pós-moderna em processo de construção: identificação, diferença e desidentificação	38
3.2 A sexualidade de Raimundo: a partir das relações intra- e interpessoais...	43
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS	57

1 INTRODUÇÃO

No final do ano de 2024, Carlinhos Maia, influenciador digital, cometeu em seus stories algo que para alguns seria um “pequeno deslize”, mas que gerou muita repercussão¹. O influenciador utilizou pronomes masculinos (dele) para se referir à Liniker, travesti, cantora e atriz. Em seguida, ainda em suas redes sociais, ironizou ao corrigir-se dizendo “dela, delu, dolo, dele”. Em pronunciamento público, após a repercussão, reiterou que os pronomes de Liniker seriam ela/dela. No entanto, desqualificou a pauta sobre a identidade de gênero da cantora quando diz “foi só trocar um pronome que virou uma algazarra entre as gays”, atrelando um teor de irrelevância à questão, e admitindo confundir-se quando aos pronomes a serem usados com pessoas trans ou travestis.

Tal acontecimento é um retrato de como a identidade seria é um traço irrelevante, nesse caso a de gênero, para a maioria da sociedade que ainda ignora as subjetividades alheias. A partir disso, percebemos que, mesmo após anos de estudos sobre o ser e sobre sua identidade, ainda existe uma relutância em se compreendê-la, bem como o seu processo de formação, e aceitar as mudanças que ocorrem com o passar do tempo. Para alguns, o conceito de identidade é apreendido, assim, como sinônimo de coerência, unidade e imutabilidade. Indagamos, pois: A constituição identitária dos indivíduos é constante e imutável? É a mesma desde seu nascimento até a sua morte, ou será que as identidades não são tão sólidas como parecem ser?

Indo de encontro a essa compreensão, podemos afirmar que a formação identitária dos indivíduos, em um viés pós-moderno, não é um construto tão fixo, e que essa encontramos submetida às experiências constitutivas e contextualmente situadas. Por esse viés, o convívio com outras pessoas, a vivência, as relações consigo mesmo e os traumas ao longo da vida são capazes de modificar significativamente a constituição subjetiva de um indivíduo e abalar as bases supostamente permanentes.

A partir dessa discussão inicial sobre identidade, cabe pontuar que este estudo foi motivado a partir de reflexões frutos do curso de extensão *Introdução à teoria queer*, ministrado pelo Prof. Dr. Ruan Nunes de forma remota no ano de 2021. Além disso, em 2022, pela apresentação por meio uma colega ao livro *A palavra que*

¹ Notícia disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/dona-dea-critica-carlinhos-maia-e-o-acusa-de-transfobia-entenda/>.

resta (2021) de Stênio Gardel. A partir desse contato inicial, notei que nele eram abordadas temáticas de gênero e sexualidade discutidas no curso de extensão que poderiam ser analisadas por um viés queer. Ao pensar nisso, decidi buscar a orientação do ministrante do curso de introdução à teoria queer, e nas primeiras reuniões decidimos estudar como a identidade e a sexualidade, engendradas na narrativa de Stênio, são apresentadas.

No que se refere a obra *A palavra que resta* (2021), do autor cearense Stênio Gardel, há um paralelo com a realidade e como o processo de identidade não se fixa em termos preexistentes. O enredo traz como protagonista Raimundo Gaudêncio, o qual acompanhamos em diferentes fases da vida, de forma entrecortada pela profusão de seu pensamento e de suas vivências. Homem viado², nordestino, de 71 anos e semianalfabeto, o protagonista relata como se constituiu subjetivamente a partir dos acontecimentos.

Ao encarar as diferentes facetas do protagonista, chamou-nos atenção como os fatores regionalidade, sexualidade, grau de aprendizado e outros correlacionados são responsáveis pela (re)construção da identidade de Raimundo. O protagonista do início da narrativa é o mesmo que está contando as vivências que o atravessaram a longo de seu traslado entre sertão e metrópole (São Paulo)? Seria possível argumentar que os acontecimentos modificaram profundamente como ele se compreendia no que tange sua sexualidade, e como ele entendia as suas relações com os outros ao seu redor?

Resumidamente, explicitamos o interesse na forma como a identidade de Raimundo se transforma em sua jornada do interior do nordeste para uma capital do sudeste. Contudo, partimos da compreensão de que a identidade é mais do que apenas uma construção única e fechada. Assim, aproximamo-nos do tema desta pesquisa, a saber a construção identitária do protagonista do romance *A palavra que resta*, com ênfase na sua sexualidade.

Nesse viés, para aprofundar e melhor direcionar a pesquisa e, posteriormente, a análise, cabe fazer um breve levantamento de trabalhos que também discutiram a obra como forma de compreender o estado da arte. A partir disso, percebemos que não há estudos no repositório da Universidade Estadual do Piauí – campus Professor Alexandre Alves de Oliveira – submetidos como trabalho de conclusão no curso de

² Nomenclatura esta utilizada no romance, tendo em vista a origem do protagonista e dos coadjuvantes, o termo homossexual não faz parte do léxico adotado pelo autor.

Letras Português, muito menos trabalhos de forma geral que abordem os estudos queer³ atrelados à construção de identidade.

Em contrapartida, foram encontrados 12 trabalhos, até o momento da conclusão deste, por intermédio de uma pesquisa feita no site Google Acadêmico, que abordam o livro (um resumo expandido, dois artigos, três ensaios, dois capítulos de livro, duas monografias e duas teses de doutorado). Nessa perspectiva, pelo motivo de se tratar de um trabalho de conclusão de curso, e por apenas cinco desses referidos trabalhos trazerem uma perspectiva queer, como critério de seleção, escolhemos apenas: o resumo expandido, um dos ensaios, os dois capítulos e uma monografia que tratam de *A palavra que resta*, deixando de lado trabalhos de pós-graduação.

Tendo isso em vista, o resumo expandido “A desconstrução do sertanejo em *A palavra que resta*, de Stênio Gardel”, de Fábio Augusto Gomes Lima e Ana Caroline Negrão Berlim de Andrade (2022), traça uma análise comparativa e desconstrutiva entre o romance em questão e *Os sertões*, de Euclides da Cunha. Com o fito de desconstruir a ideia preconceituosa da imagem do nordestino criada no imaginário social a partir da obra estereotipada euclidiana. Já o artigo “A Homofobia Familiar em ‘A palavra que resta’ de Stênio Gardel”, de Thátilla Ruanna Dias Bezerra (2023) discute estruturas familiares e como essas são baseadas principalmente no modelo heteronormativo e como esse modelo reproduzido dentro dos lares e como ele interfere nos preconceitos, nos massacres e no medo. Sendo assim, a literatura é um dos meios de dar voz aos grupos que sofrem da homofobia, bem como questiona os padrões de gênero que mobilizam a violência dentro das famílias consanguíneas.

Outro trabalho que conversa sobre os estudos queer e estudos dos afetos (affect studies) é o capítulo de livro “Coração, Cruz E Cu: Tecnologias de Aprumação em *A Palavra que resta*, de Stênio Gardel”, de Ruan Nunes (2023), que traz à baila como a ansiedade e outros afetos estão ligados às experiências traumáticas do protagonista e como a heteronormatividade é um fator que estimula esse processo. Além disso, outro capítulo de livro que aborda a obra é: “O retorno ao sertão: deslocamentos espaciais e identitários em *Nossos ossos* e *A palavra que resta*”, de Alex Bruno da Silva (2024). Esse capítulo, contido no livro *Perspectivas contemporâneas nos estudos literários*, vai tratar da relação entre o espaço e a

³ Os estudos queer serão discutidos com maior profundidade na fundamentação teórica deste trabalho.

formação da identidade, levando em conta que o primeiro é uma categoria que define as identidades. Ao mesmo tempo, vai descrever como, nas obras, o traslado de sertão para a metrópole, e em seguida o retorno ao sertão, é responsável por construir a subjetividade dos personagens.

Por fim, “Cartas e Diálogos com *A Palavra que resta*, de Stênio Gardel”, de Icaro Cesar Cainan da Cunha Claro Olanda (2022), é uma monografia em formato epistolar que descreve mais a identificação do autor com o romance do que uma análise em si, empregando no processo as noções bakhtinianas de dialogismo.

Todas as questões levantadas por críticos anteriores são relevantes, mas ainda podemos nos questionar ainda mais sobre o romance. Apenas um dos capítulos de livro que trata da formação da identidade, nesse caso atrelada à categoria de espaço. Com isso, neste trabalho também adotaremos conceito-chave identidade e sua formação, pois observamos que este conceito ainda não foi bem debatido no que concerne *A palavra que resta*, principalmente no que diz respeito a sexualidade. Diante disso, agora se questiona: Como é construída a identidade sexual de Raimundo, protagonista de *A palavra que resta*, de Stênio Gardel, à luz dos estudos queer?

Para isso pretendemos, como objetivo geral deste trabalho, analisar a construção da identidade de Raimundo a partir de uma perspectiva queer. E como objetivos específicos elencar a fortuna crítica de *A palavra que resta*, de Stênio Gardel, além disso definir os pressupostos teóricos da teoria queer, com ênfase no conceito de identidade sexual, para que finalmente possamos identificar os processos de construção da identidade de Raimundo por meio de suas relações inter- intrapessoais em termos de sexualidade.

Metodologicamente, é fundamental descrever esta pesquisa de forma mais completa. Considerando o uso de fontes como livros, artigos, revistas para o desenvolvimento, descrevemos esta pesquisa como um trabalho bibliográfico (Prodanov; Freitas, 2013), cuja abordagem qualitativa, na visão de Gil (2017), não exigiu a produção de questionários ou de dados estatísticos. Por fim, o cunho exploratório se dá pela compreensão da pouca aproximação do pesquisador com o tema, resultando em um trabalho investigativo inicial (Prodanov; Freitas, 2013; Marconi; Lakatos, 2003).

No primeiro momento, é apresentado um resumo da narrativa, bem como serão citados os trabalhos anteriores que trazem o romance de Stênio Gardel como principal

prática cultural de pesquisa, de modo a explicitar em que áreas ele foi analisado e estudado. A partir desse levantamento, pretendemos questionar a necessidade de observar *A palavra que resta* a partir de um novo olhar, o da teoria queer, em diálogo com os conceitos selecionados sobre a construção da identidade. Bem como serão estudadas as bases teóricas da pesquisa, a saber: conceitos abordados por teóricos como Richard Miskolci (2012), Gayle Rubin (2017), Tamsin Spargo (2017), Guacira Lopes Louro (2018), Michel Foucault (1996, 2021), Judith Butler (2019, 2022), Renan Quintalha (2022). Ao mesmo tempo, serão analisados alguns trechos da obra que evidenciam as discussões trazidas pelos autores.

No segundo momento, elucidaremos a compreensão da formação da identidade e o conceito de identificação nos Estudos Culturais, como em Stuart Hall (2006) e em outros teóricos que abordam a identidade como Tomaz Tadeu Silva (2000) e a perspectiva da diferença e Annamarie Jagose (2017) – esta última a partir de uma perspectiva queer da construção da identidade com e contra o outro – e José Esteban Muñoz (1999) que evidencia o processo de desidentificação. Esses teóricos são suscitados neste trabalho com o objetivo de embasar a análise subsequente que se dará. Neste, a partir dos recortes de trechos da obra elucidaremos a concretização do conceito de identidade em viés queer serão elencados na produção literária. Assim, motivando uma reflexão sobre como a obra pode ser vista com um arcabouço fecundo de representações do processo de formação da identidade, bem como diversas interfaces são responsáveis pela formação identitária dos sujeitos.

Pelos motivos supracitados, é essencial, portanto, trazer essa discussão dentro do âmbito acadêmico, principalmente no que se refere ao curso de Letras Português. Assim, não apenas ampliaremos os números de trabalhos que abordam a obra, mas também proporcionaremos uma intersecção dos estudos queer com o estudo da constituição identitária, ilustrando como articular esses conceitos na análise literária nos trabalhos de conclusão de curso.

Além disso, em âmbito social, é fulcral discutir as temáticas de gênero e sexualidade que ainda são estigmatizadas pela sociedade. Dessa forma, um estudo sobre a identidade em viés queer pode facilitar o acesso à informação e desmistificar questões enraizadas no imaginário social, especialmente no que tange as sexualidades não-heteronormativas. Com isso, esperamos proporcionar uma desconstrução de ideologias que reverberam posicionamentos avessos à diversidade das constituições das subjetividades e das dissidências.

Somado a isso, em âmbito pessoal, é de grande valia para minha formação como pesquisador trazer à baila temáticas ainda pouco discutidas, proporcionando uma prática da atividade investigativa. Ademais, acredito ser importante estimular a construção de hipóteses de discussões relevantes para o desenvolvimento tanto pessoal quanto de outras pessoas que se interessarem por esta pesquisa. Reconheço, assim, a importância da obra, bem como a importância dos estudos queer, que não ficarão apenas compilados no papel, mas que passarão a constituir a minha identidade.

2 VOZ SILENCIADA E QUESTIONAMENTO DA IDENTIDADE: LITERATURA, HISTÓRIA E CRÍTICA DAS NORMAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE

Nesta seção são apresentados, inicialmente, aspectos específicos da obra *A palavra que resta* (2021). Além disso, traçamos um panorama com algumas direções teórico-conceituais, no que concerne à teoria queer, seus antecedentes históricos e conceitos relacionados a esse estudo. Concomitantemente, analisar-se-á como esses conceitos podem ser utilizados para a compreensão da obra pelo viés queer.

2.1 Silenciar para existir: a narrativa de dor e resistência de Raimundo

A palavra que resta, romance de estreia do autor cearense Stênio Gardel foi publicado em 2021 e nos leva a conhecer Raimundo Gaudêncio de Freitas, homem nordestino, viado, de 71 anos, semianalfabeto. A narrativa mostra, *em um relato nascido quase que no momento da escrita*, as memórias entrecortadas entre presente e passado, com uma cronologia ditada pelo fluxo psicológico. Dizemos “*um relato nascido quase que no momento da escrita*”, pois a narrativa muda conforme Raimundo explora sua vida: acompanhamos, assim, seu processo de alfabetização e “domínio” da palavra escrita como mecanismo de autoconhecimento. Por meio da narração de acontecimentos trágicos, compreendemos que a identidade de Raimundo é atravessada por diferentes momentos marcantes de importante valia para a autocompreensão de si mesmo.

Na adolescência, aos dezessete anos, Raimundo vive um romance com Cícero às escondidas, “num forró na quadra do grupo, que os olhos de terra de Cícero lavraram Raimundo” (Gardel, 2021, p. 13). Ao mesmo tempo que gostavam de terem um ao outro, tinham receio de que fossem descobertos e julgados. À época, o meio em que estavam inseridos – o sertão – e as pressões sociais que os atravessavam exigiam que fossem o que eram destinados a serem: homens “cabra-macho” que se casariam com mulheres e que teriam filhos futuramente.

Na sequência da narrativa, seu Nonato, pai de Cícero, descobre o romance dos dois e os pega em um desses momentos carnais. Nesse momento, Cícero leva um soco do pai que lhe arranca sangue. Após isso, Damião, pai de Raimundo, chega a saber por seu Nonato: “que história é essa que o Nonato me contou Raimundo? Pra mim e pra tua mãe?” (Gardel, 2021, p. 32). Nesse momento, Damião agride o

protagonista, mas de uma forma muito mais violenta, tanto que Raimundo escutava “o cinturão retalhando meu coró, querendo rasgar meu pensamento em Cícero” (Gardel, 2021, p. 33). Dias após a surra, Raimundo recebe um recado de Cícero e vai ao seu encontro com o objetivo de convidá-lo para fugir. Todavia, Cícero não compareceu ao local marcado, em frente à cruz às margens do rio. Após ser expulso de casa por sua mãe, Raimundo foge sem que seu pai saiba carregando apenas uma carta de seu amado que recebera por sua irmã, mas por não saber ler, não chegara a ler seu conteúdo. No seu caminho fora de casa, passa a trabalhar como carregador de caminhão e para “matar suas vontades”, frequenta cines pornô, sempre tentando esconder ao máximo sua verdadeira identidade, utilizando máscaras para ser aceito socialmente.

Com essas idas e vindas, Raimundo chega à maior capital do sudeste, São Paulo, e ali tem acesso a outras (des)vivências. Ainda como carregador de caminhão, em uma dessas noites em segredo, ao sair de um antro de pegação⁴, conhece Suzanný, uma travesti – *para Raimundo uma aberração* – e prostituta que se oferece para ele. Neste momento, os dois têm um embate: o que ela é e representa faz com que Raimundo se questione sobre como se compreende. Posteriormente, após alguns encontros com Suzanný, Raimundo a espanca em um beco. Com medo de ser preso por tê-la agredido, Raimundo a acompanha para o hospital. É a partir daí que, ironicamente, Raimundo começa a se afeiçoar por Suzanný. Ela, assim como ele, não tem com quem contar, e com isso uma amizade se inicia a partir de um embate.

Suzanný estimula Raimundo a entrar na escola para tentar finalmente ler a carta que recebera e finalmente acabar com aquilo que tanto pesa em seu coração. Raimundo aprende a ler; no entanto nunca tem coragem de abrir a carta e descobrir o que seu amado o queria confidenciar naquele papel. O livro termina em aberto: Raimundo se apegava ao sentimento interminável do que a carta representa para ele, mais ainda do que ela pode dizer. Ele não concretiza a leitura, mas carrega-a com um peso imenso, em um eterno permanecer. A carta separava e ligava a vida dos dois. “Palavra danada! Era a voz do fim, eco de passado não vivido” (Gardel, 2021, p. 20).

A partir desse breve resumo da obra, percebemos que temáticas de gênero e sexualidade são abordadas a partir de uma experiência individual do protagonista, bem como notamos que essas discussões são responsáveis por compor sua

⁴ “Pegação” é um termo utilizado por pessoas LGBTQIAPN+ para indicar trocas de beijos e, por vezes, relações sexuais.

identidade. No entanto, observamos que uma abordagem sobre a construção da identidade de Raimundo por uma perspectiva da teoria queer faz-se necessária. Isso porque o que se compreende no senso comum como “gay” é mais complexo do que apenas uma identidade concreta ou um movimento.

Nesse sentido, fazemos um breve percurso sobre a história do movimento gay e lésbico, abordamos a crítica à política de identidade, e o consequente surgimento do movimento queer e a teoria que leva a mesma alcunha. Aliado a isso, críticas aos padrões de gênero e sexualidade e questões da sexualidade – que são de interesse da teoria queer – são discutidas com interseções da narrativa elucidando como a relação de Raimundo com eles pode representar uma alegoria a forma que pessoas da comunidade LGBTQIAPN+⁵ constroem sua identidade. Com isso, pretendemos trazer algo diferente e somar com o que já foi abordado, pontuando, assim a formação da identidade de Raimundo ao longo de sua jornada dentro da obra e abordando questões de sexualidade e de gênero.

2.2 Do movimento gay à teoria queer: o nascimento do pós-identitarismo

Nesta seção, oferecemos um resumo da história do movimento gay e lésbico, até desaguar no movimento queer e consequentemente na teoria queer. Nessa perspectiva, no início da pós-modernidade⁶, surgiram novos movimentos sociais, principalmente a partir das décadas de 1960 e 1970, que de acordo com Richard Miskolsi (2012, p. 21) consistiam nestes: “o movimento pelos direitos civis da população negra no Sul dos Estados Unidos, o movimento feminista da chamada segunda onda e o então chamado movimento homossexual”. Essas organizações tinham como principal objetivo o ganho de visibilidade para mulheres brancas, homens negros e homens gays brancos – esses em sua maioria de classe média - dentro da sociedade, e para isso exigiam a garantia de seus direitos como indivíduos e cidadãos.

⁵ Sigla que tem a função de representar a comunidade, composta por pessoas lésbicas (L), gays (G), bissexuais (B), transexuais (T), queer (Q), intersexuais (I), assexuais (A), pansexuais (P) e não binários (N), sendo o símbolo + representativo de outras identidades sexuais e de gênero.

⁶ Segundo Renato Ortiz, em entrevista para a IHU Online (2014), a pós-modernidade “refere-se às transformações que incidem recentemente (anos 1970, 1980, 1990) nas sociedades industriais. O “**pós**”, dividindo um “**antes**” e um “**depois**”, sublinharia justamente essas mudanças: sociais, econômicas, tecnológicas, culturais. Neste sentido o que entendíamos por modernidade já não seria mais suficiente para dar conta dos processos contemporâneos. Todo o debate sobre a “**pós-modernidade**” concentra-se neste ponto, em que medida as sociedades atuais difeririam de sua formação anterior (a forma que tomou a partir da revolução industrial no **século XIX**)” (2014).

No que se refere ao movimento gay, de acordo com Renan Quinalha (2022, local. 52), ao longo da história ocorre uma tentativa de construção de um *padrão de homossexual* que substituísse a binariedade em relação aos papéis de homem e mulher dentro do relacionamento homoafetivo, por meio “uma identidade – mais homogeneizada e universalizável – gay”. Isso começou a ocorrer quando

[a]s diferenças que impediam a identificação comum a uma mesma condição vão dando lugar a uma compreensão mais unívoca da experiência da homossexualidade, a despeito da persistência de visões binárias e hierárquicas. Esse senso de pertencimento só pode se efetivar com uma percepção de que todos compartilham não apenas uma prática sexual, mas uma identidade cada vez mais estável e fixa (Quinalha, 2022, local. 52)

A partir dessa construção de uma identidade homossexual, pela unificação em uma unidade, que se formulou a ideia de comunidade homossexual, principalmente com o objetivo de garantir uma aparente consonância entre as partes constituintes e uma aceitação às vistas da maioria heterossexual.

Nesse compasso, conforme Guacira Lopes Louro (2018) pontua, o movimento homossexual da década de 1970, bem como outros movimentos sociais, assumem uma política identitária que “assumia um caráter unificador e assimilacionista, buscando a aceitação e a integração dos homossexuais no sistema social” (local. 11).

No entanto, essa formação em torno desses aspectos identitários unificados correspondiam às reivindicações apenas de uma minoria desses grupos, tendo em vista que

as campanhas políticas estavam marcadas pelos valores brancos e de classe média, e adotavam, sem questionar, ideais convencionais, como o relacionamento comprometido e monogâmico; [...]. Mais do que diferentes prioridades políticas defendidas pelos vários “sub-grupos”, o que estava sendo posto em xeque, nesses debates era a concepção de identidade homossexual unificada que vinha se construindo na base de tal política de identidade. A comunidade apresentava importantes fraturas internas e seria cada vez mais difícil silenciar as vozes discordantes. (Louro, 2018, local. 11-12)

A partir daí observamos que a concepção una de homossexualidade em torno de um padrão específico, que acabava por privilegiar apenas uma parcela minoritária do movimento gay que essa política identitária começa a ruir.

Como observa Miskolci (2012), os direitos, no que se refere ao movimento gay e lésbico, foram alcançados apenas para uma pequena parcela da comunidade a qual ele representava. Esses direitos “assegurados” por intermédio de manifestações contemplavam especialmente uma elite branca, social e economicamente bem favorecida e majoritariamente masculina que os compunham.

A partir da segunda metade da década de 1980, há um processo de reavaliação desses movimentos, seus sujeitos e demandas priorizadas. É o momento em que feministas negras, e do então chamado Terceiro Mundo, começam a criticar o caráter branco, de classe média e ocidental do feminismo anterior. Em movimento similar e articulado, o movimento homossexual e feminista passam a ser questionados por aqueles que viriam a ser conhecidos como queer. (Miskolsi, 2012, p. 13)

Em outros termos, a maioria dos indivíduos, como mulheres, pessoas de classe baixa, dissidências de gênero e sexualidade (lésbicas, travestis, transexuais) e pessoas não-brancas, eram invisibilizados em meio ao discurso heteronormativo⁷ e patriarcal hegemônico reproduzido dentro dessas organizações sociais pós-modernas. Isso se dava, de acordo com Quinalha, porque a essência desses movimentos:

[...] recusava a ideia de desvio e reforçava a integração na cultura hegemônica sob a forma de uma assimilação. Em vez de demarcar diferenças e afastamentos de uma minoria que busca criar uma nova forma de vida, o eixo era afirmar a igualdade e a proximidade com o padrão (2022, local. 63).

O que colaborava para que a menor parte desses movimentos, que de certa forma poderiam ser mais aceitas pela sociedade por exercer papéis sociais mais parecidos com o padrão imposto, tivesse seus direitos de forma mais acessível. Enquanto aqueles que não compartilhavam da mesma raça, não performavam “adequadamente” gênero e sexualidade eram marginalizados e invisibilizados, sendo assim silenciados dos debates e até mesmo sofrendo preconceito a partir desses grupos que deveriam defendê-los.

⁷ A heteronormatividade seria a ordem sexual do presente, na qual todo mundo é criado para ser heterossexual, ou – mesmo que não venha a se relacionar com pessoas do sexo oposto – para que adote o modelo da heterossexualidade em sua vida. (Miskolci, 2012, p. 13)

Essa segregação, fundamentada em traços rigidamente eleitos como representativos (a etnia, a classe social, o gênero, a sexualidade), acompanhou as lutas desses grupos por muito tempo. Foi apenas com o pós-estruturalismo⁸ e o pós-identitarismo que o processo de superar traços específicos que ocorreu uma tentativa de superar progressivamente a política de identidade que segregavam internamente o movimento gay e lésbico, estabelecendo-se um regime pós-identitário, característico da era pós-moderna (Miskolci, 2012).

Conforme Louro (2018) afirma, esse novo movimento, chamado pós-identitário, teve o objetivo de subverter a essência dos movimentos que carregavam um traço individual representativo que excluía os indivíduos. Além disso, busca superar os binarismos homem/mulher, heterossexual/homossexual, que na verdade serviam para cingir e desfocar as discussões que realmente deveriam estar em pauta dentro dos movimentos sociais. Para Louro (2018),

Ao alertar para o fato de que uma política de identidade pode se tornar cúmplice do sistema contra o qual ela pretende se insurgir, os teóricos e teóricas queer sugerem uma teoria e uma política pós-identitárias. O alvo dessa política não seriam propriamente as vidas ou os destinos de homens ou mulheres homossexuais, mas sim a crítica à oposição homossexual/heterossexual, compreendida como categoria central que organiza as práticas sociais, o conhecimento e as relações entre os sujeitos (Louro, 2018, local. 14).

A partir disso, percebemos que o constante estabelecimento de binarismos na sociedade contribui para a persistência de uma política identitária que define aqueles que devem ter seus direitos assistidos, enquanto aqueles que não se enquadram no padrão escolhido ou estabelecido pela construção das binariedades. Nesse viés, o padrão “formatado” e estabelecido dentro do movimento gay – *masculinista, branco e de classe média* – fundou e estabeleceu o *modelo ideal de homossexual* a ser seguido, o que fez com que outros indivíduos que não eram heterossexuais ficassem invisibilizados dentro dessa organização.

Com esses questionamentos às lutas político-identitárias e com o objetivo de dar espaço aos indivíduos que não se enquadravam no padrão branco, masculino

⁸ Os críticos e os teóricos contemporâneos acharam que o *humanismo* clássico e o *essencialismo* (pelo qual se pretende conhecer a essência das coisas) não eram mais sustentáveis e tornaram-se o principal alvo dos pós-estruturalistas. [...] Para os pós-estruturalistas, o indivíduo (como qualquer outra estrutura inerentemente instável) é também um arranjo temporário ou uma interrupção passageira de um fluxo de sentido (Boncini, 2009, p. 151).

estabelecido pelo/no movimento gay, surge o movimento queer inspirado nas teorias feministas e nos movimentos raciais. Segundo Miskolci (2012, p. 27), “[a] nova política de gênero – que também pode ser chamada de queer – se materializa no questionamento das demandas feitas a partir dos sujeitos; em outras palavras, chama a atenção para as normas que os criam”. Esse movimento de questionamento do constante fechamento dos movimentos de reivindicação de direito em torno de características sociais, sexuais, de gênero ou de raça foi de importante relevância para que os direitos daqueles ainda não ouvidos, os corpos abjetos, os corpos que não importam (Miskolci, 2012; Louro, 2018) – pessoas trans, travestis, hivpositivas – tivessem voz em meio ao discurso heteronormatizante, que muitas vezes também é reproduzido por outras minorias – homens gays e brancos – que buscam serem absorvidos pela hegemonia.

Ainda no que se refere ao movimento queer, Miskolsi (2012, p. 24) afirma que

[...] a problemática queer não é exatamente a da homossexualidade, mas a da abjeção. Esse termo, “abjeção”, se refere ao espaço a que a coletividade costuma relegar aqueles e aquelas que considera uma ameaça ao seu bom funcionamento, à ordem social e política. Segundo Julia Kriteva, o abjeto não é simplesmente o que ameaça a saúde coletiva ou da visão de pureza que delinea o social, mas antes o que perturba a identidade do sistema, a ordem

Dessa maneira, em oposição ao antigo movimento homossexual, que priorizava a adaptação ao padrão exercido pela maioria da sociedade e reprodução de valores hegemônicos, “os queer prefeririam enfrentar um desafio de mudar a sociedade de forma que ela lhes seja aceitável” (Miskolsi, 2012, p. 25).

Com isso, a partir da teoria queer, as estruturas sociais que definem os papéis de homem e mulher e a lógica que assegura que os desejos desses indivíduos estão estreitamente relacionados a seu gênero e seu sexo – a heteronormatividade⁹ compulsória – começam a ser questionadas. Assim, é iniciado o processo de subversão dos padrões impostos e dos discursos homogeneizantes que excluía aqueles que não exerciam a identidade que o movimento gay pregava por meio dos discursos queer que põe em xeque a naturalização e a suposta homogeneidade da sociedade.

⁹ De acordo com Miskolsi (2012, p. 15) seria a ordem sexual que “todo mundo é criado para ser heterossexual ou – mesmo que não venha a se relacionar com pessoas do sexo oposto – para que adote o modelo da heterossexualidade para sua vida”

Resumidamente, afirmamos que a teoria queer é um arcabouço metodologicamente rico para estudos que envolvem minorias sociais. Pontuamos também que é de grande interesse da teoria queer os estudos da sexualidade e da identidade de gênero, porque, foi através dos debates e das críticas que a teoria queer suscita, que aqueles conceitos cristalizados dos movimentos identitários foram aos poucos desconstruídos e ressignificados.

2.3 Refutar o rótulo: dissidências de sexualidade em *A palavra que resta*

Como vimos anteriormente, o movimento queer surge principalmente a partir da obsolescência das políticas identitárias. Miskolsi postula que

o que hoje chamamos de queer, em termos tanto políticos quanto teóricos, surgiu como um impulso em relação à ordem social contemporânea, possivelmente associado à contracultura e às demandas daqueles que, na década de 1960, eram chamados de novos movimentos sociais (Miskolsi, 2021, p.21).

Nesse sentido, com é necessário definir o que seria a teoria queer, que surge concomitante a esse movimento. Assim, de acordo com Tamsin Spargo (2017, p. 13), a teoria queer “não é um arcabouço conceitual ou metodológico único ou sistemático, e sim um acervo de engajamentos intelectuais com as relações entre sexo, gênero e desejo sexual”. Entendemos, nesse sentido, que a teoria queer é composta de uma variedade de posicionamentos em relação às expressões de gênero e sexualidade e interpretações sobre a interrelação naturalizada socialmente desses conceitos e críticas à imposição da normatividade engendrada socialmente dentro das instituições.

A partir de uma perspectiva da teoria queer, discutimos aqui o conceito de sexualidade à luz da leitura foucaultiana de Spargo (2017), pois há um consenso de que as obras de Michel Foucault marcaram o início das discussões queer, principalmente a *História da sexualidade 1* (2021) que serviu de marco inicial para os estudos da sexualidade. No que se refere à sexualidade, mesmo depois de muitos séculos – posto que desde século XIX, quando se começou o estudo da sexualidade por Foucault, até os dias de hoje – discussões acerca dos desejos sexuais, e como eles são naturalizados como um aspecto da vida humana vêm à tona (Spargo, 2017).

Para Foucault (2021, p. 115),

Não se deve concebê-la [a sexualidade] como uma espécie de dado da natureza que o poder é tentado a pôr em xeque, ou como um domínio obscuro que o saber tentaria, pouco a pouco, desvelar. A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder.

Nesse viés, a sexualidade aqui deve ser entendida não como um fator apenas biológico do indivíduo, algo preexistente, pré-discursivo, mas deve-se levar em conta as relações dentro da sociedade, as práticas sociais ao longo da história, para o afloramento do desejo. Assim, por meio da construção de uma genealogia¹⁰ da sexualidade, Foucault observou que, ao longo do tempo, a compreensão da sexualidade tem mudado e vem sendo discutida ao longo do tempo concomitando com as histórias das sociedades.

Conforme Foucault, a discussão da sexualidade, no século XIX, não era uma temática posta de lado, ou mesmo silenciada, como o senso comum pensa. Muito pelo contrário,

Foucault argumentava que, do século XVIII em diante, **a sexualidade era considerada algo a ser regulado e administrado em vez de julgado**. A Igreja e o Direito se preocupavam havia muito tempo com a regulação da sexualidade, mas durante o Iluminismo surgiram novos regimes governamentais centrados no indivíduo corporificado e sexual (Spargo, 2017, p. 17, grifo nosso).

Nessa perspectiva, de acordo com Spargo, Foucault entendia que as instituições suscitavam, instigavam e estimulavam a discussão da sexualidade. Nessa perspectiva,

O exame médico, a investigação psiquiátrica, o relatório pedagógico e os controles familiares podem, muito bem, ter como objetivo global e

¹⁰ A genealogia consiste no que “concerne à formação efetiva dos discursos, quer no interior dos limites do controle, quer no exterior, quer, a maior parte das vezes, de um lado e de outro da delimitação. A crítica analisa os processos de rarefação, mas também de reagrupamento e de unificação dos discursos; a genealogia estuda sua formação ao mesmo tempo dispersa, descontínua e regular” (Foucault, 1996, p. 65-66).

aparente dizer não a todas as sexualidades errantes ou improdutivas mas, na realidade, funcionam como mecanismos de dupla incitação: prazer e poder. Prazer em exercer um poder que questiona, fiscaliza, espreita, espia, investiga, apalpa, revela; e, por outro lado, prazer que se abrasa por ter que escapar a esse poder, fugir-lhe, enganá-lo ou travestí-lo (Foucault, 2021, p. 50)

Às vistas de Foucault, o poder das instituições era exercido sobre a sexualidade dos indivíduos justamente por meio do conceito de confissão. Por exemplo a Igreja, desde a Idade Média, utilizava do mecanismo confessional como forma de provocar o debate sobre o sexo e consequentemente sobre a sexualidade.

Com isso

A confissão foi e permanece ainda hoje a matriz geral que rege a produção do discurso verdadeiro sobre o sexo. Entretanto, ela se transformou consideravelmente. Mas pouco a pouco, a partir do protestantismo, da Contrarreforma, da pedagogia do século XVIII e da medicina do século XIX, perdeu a situação ritual e exclusiva: difundiu-se; foi utilizada em toda uma série de relações: crianças e pais, alunos e pedagogos, doentes e psiquiatras, delinquentes e peritos. (Foucault, 2021, p. 71)

Observa-se que ao longo do tempo outras instituições assumiram a confissão também como forma de ter acesso a discussão da sexualidade, como a medicina, o direito, a escola, a família. Esta última instituição é normalmente a primeira a que os indivíduos têm acesso, e é por ela que as primeiras opressões são sofridas pelos corpos dissidentes de sexualidade e de gênero.

Foucault notou essa incitação que as instituições produziam e, ao mesmo tempo, com esse novo olhar para a sexualidade que elas começaram a compreendê-la e com isso formulá-la, e por fim determiná-la (Foucault, 2021). Sendo assim, a sexualidade está, ao longo da história, sempre submetida ao domínio de uma política interna que a regula.

Nesse viés, conforme Gayle Rubin (2017, local. 56)

Assim como acontece com outros aspectos do comportamento humano, as formas institucionais concretas da sexualidade em determinado tempo e lugar são produto da atividade humana. Elas são permeadas por conflitos de interesse e manobras políticas, tanto deliberadas quanto incidentais. Nesse sentido, o sexo é sempre político. Mas há também períodos históricos em que as discussões sobre a sexualidade são mais claramente controversas e mais

abertamente politizadas. Nesses períodos, o domínio da vida erótica é com efeito renegociado.

Portanto, a constante discussão sobre a sexualidade era, e continua sendo incitada e não ocultada ao longo como o senso comum acredita, em alguns momentos as instituições assumem essa discussão de forma mais velada, em outros o domínio da vida erótica dos indivíduos é bem mais escancarado.

Nesse contexto, a partir da constatação da homossexualidade – aqueles que se relacionavam com o mesmo gênero que eram identificados – e posteriormente da heterossexualidade – aqueles que eram reconhecidos como “normais” – que a sociedade começou a ditar quais seriam desviantes. Com isso foi a partir da definição dessa binariedade que se normatizou a heterossexualidade como a sexualidade hegemônica e aqueles que fogem da normatização estabelecida são corrigidos por meio da opressão. Nesse viés

A sexualidade nas sociedades ocidentais foi estruturada em um quadro social extremamente punitivo, e tem sido submetida a controles formais e informais bastante reais. É necessário reconhecer os fenômenos repressivos sem recorrer aos pressupostos essencialistas da linguagem da libido. É importante prestar atenção nas práticas sexuais repressivas, ainda que situadas dentro de uma totalidade diferente, e empregando uma terminologia mais refinada (Weeks *apud* Rubin, 2018, local. 69).

Com efeito, para Foucault, a sexualidade é construída pelas instituições e pelas forças de poder que infligem no sujeito uma normalidade naturalizante e disciplinatória, que inscreve nos corpos o que são e como devem agir no que se refere à sua expressão sexual. Dessa forma, o objetivo de Foucault com a (re)construção de uma história da sexualidade era compreender como ela funciona na sociedade, deixando em último plano saber o que ela é (Spargo, 2017). Ele objetivou compreender como as instituições influenciavam nesse aspecto do indivíduo, ao mesmo tempo que impunha um modelo a ser seguido e reproduzido. Reside aí a interseção entre o pensamento foucaultiano (de que a sexualidade é social e histórica) e os estudos queer (com seu interesse em recusar identidades fechadas e estabelecidas tal qual o movimento gay e lésbico).

Os estudos queer, então, absorvem – ao mesmo tempo que revisitam e questionam – as discussões iniciadas por Foucault sobre sexualidade. Concomitantemente, o movimento queer usa como base suas críticas com o fito de

incluir, nas pautas e críticas, a garantia dos direitos individuais e cidadãos para os abjetos – gays afeminadas, travestis, lésbicas, transexuais – e questionar as estruturas sociais quanto às regulações de sexualidade e gênero. Assim, há um maior ganho de espaço pelas minorias, movimentos repressivos externos e internos que acompanham as novas reivindicações.

No entanto, opressões externas e internas agem sobre a decisão e a garantia dos direitos dessas minorias. Em ação de fora para dentro podemos observar a imposição do discurso hegemônico e normalizador; somado a isso temos também a reprodução de padrões normativos, que parte de dentro da comunidade como resquício repressor enraizado.

O movimento repressivo sofrido pelas minorias sexuais e de gênero continua sendo o principal motivo pelo qual a garantia de diversos direitos ainda não é realidade. A busca da normalização e readequação dos indivíduos em princípios elementares vai ocorrer justamente por meio da opressão, nessa perspectiva conforme Quintalha:

Qualquer desvio [...] torna-se alvo de uma ação normalizadora do poder. Sob essa perspectiva, a violência não é a exceção, mas a regra elementar de estruturação desse sistema, seu curso normal de funcionamento. Quando uma pessoa LGBTI+ é assassinada ou ultrajada, violentada física ou psicologicamente, isso não se deve a um sadismo, a um ato de preconceito individual, a uma fatalidade. Antes, trata-se de uma violência com pretensão normalizadora que busca reconduzir aquele corpo e aquela identidade ao lugar do qual não deveriam ter saído: o da “normalidade” (Quintalha, 2022, local. 28).

Dessa maneira, cria-se uma ideologia de gênero¹¹, uma compulsoriedade heterossexual, que deve ser seguida pela sociedade, ao mesmo tempo que é policiada pelas instituições que constituem o tecido social, como a família, e a ideologia imposta é justamente a ideologia heteronormativa (Quintalha, 2022). Ao necessitar ser validada e reforçada, por meio de atos contra os corpos que se afastam desse padrão, essa normatividade se estabelece e se perpetua, causando uma falsa uniformidade de expressões de gênero e sexualidade.

¹¹ Trata-se, aqui, de uma ironia, posto que faz parte do discurso de políticos de direita a suposta “ideologia de gênero” que a comunidade LGBTQAPN+ impõe às crianças e adolescentes, exemplo disso é a disseminação do “kit gay” que seria distribuído nas escolas. No entanto, a verdadeira ideologia de gênero, que é a imposição de um padrão a ser seguido é feito com a imposição da heteronormatividade pela sociedade.

Quando observamos *A palavra que resta* (2021), principalmente no que se refere à relação familiar e a imposição da norma sobre os corpos, percebemos como a obra retrata a realidade da comunidade LGBTQIAPN+ na sociedade. No início da obra, Nonato, pai de Cícero, descobre o filho e Raimundo, o protagonista da obra, juntos em um ato sexual. A partir daí, quando Nonato conta ao pai de Raimundo – Damião, os acontecimentos do desenrolar da narrativa vai demonstrar situações que poderiam ocorrer com muitos corpos que não seguem a norma heterossexual e a subvertem por expressarem o que são. Assim, a repressão exercida pelas figuras paternas – homens, heterossexuais –, representantes do modelo socialmente enraizado, demonstra como esses valores de sexualidade podem ser reproduzidos de formas opressoras.

Outra forma que a normatização assume, além da opressão física, é a tentativa de imposição de uma ideologia sexual, o pai de Raimundo expressa seu desejo além de reproduzir a heterossexualidade compulsória em suas falas:

Meu filho, imundo,
isso passa, tu fica mais velho, conhece uma moça bonita, moça bonita,
casa, me dá neto. Se apruma na vida, Raimundo. Vive de peito aberto,
sem nada pra esconder, sem dar razão para ninguém te chamar de
nada nem te fazer nada (Gardel, 2021, p. 41).

O pai de Raimundo acha que os sentimentos que ele tem são algo do momento, e que quando ele ficar mais velho vai superar de alguma forma aquilo que sente, seu desejo em relação a Cícero. Mais velho, vai conhecer uma mulher, vai casar-se e vai dar filhos ao pai, o fruto esperado de todo relacionamento que envolve um homem e uma mulher e exigido pelo pai por meio do uso do tempo verbal imperativo afirmativo – “me dá neto”.

Com essa imposição opressiva feita discursivamente, Damião espera do protagonista que as expectativas nele impostas sejam concretizadas: que ele tenha um relacionamento heteronormativo, que “se aprume”, que se ajuste. Quer que ele mude a forma de ser e deixe de ser *imundo* – vocativo enunciativo que subverte sua individualidade, que faz com que uma voz, da sociedade, se expresse ao mesmo tempo da fala de Damião – termo este também que compõe o nome de Ra-*imundo*. Evidencia-se por meio da enunciação velada a fala do pai reprodutora da estrutura heteronormativa criada pela narração indireta livre.

Ao mesmo tempo Damião adverte a Raimundo para “Viver de peito aberto”, mas semanticamente qual seria o sentido dessa metáfora? Significa que Raimundo deveria não ter vergonha de si mesmo? Mas não seria exatamente isso que Raimundo está tentando fazer vivendo seu romance com Cícero? Ou será que Damião gostaria que Raimundo não desejasse outro homem, para assim, então, não precisar viver escondido?

Ao fim notamos que Damião tem medo de que façam algo com Raimundo ou o chamem de algo. Paradoxalmente, pelo trecho “vive de peito aberto, sem nada para esconder”, observa-se uma incoerência interna, mas que evidencia o discurso heteronormativo, posto que Raimundo estava expressando seu desejo mais profundo por Cícero quando foram pegos, mas o pai inverte a situação o coloca o fato de viver ao lado de uma mulher como algo correto a ser feito, e motivo de orgulho. Assim, ao mesmo tempo que exerce sobre Raimundo uma opressão, gostaria que ele não sofresse dos outros – sociedade – aquilo que ele mesmo o inflige. Todas essas questões ilustram que a fala do pai reproduz o que a maioria que reproduz o discurso hegemônico sobre a sexualidade impõe por meio de ações opressoras.

Essas repressões surgem como uma tentativa de reverter o desvio que os corpos de Raimundo e Cícero representam na obra. Esse desvio, observado em relação à norma e comparada a ela, é submetido à correção, ou seja, ocorre uma tentativa de colocar nos eixos o que está fugindo das bordas, parafraseando o protagonista da obra. Para Rubin, as famílias:

exercem um papel crucial na imposição da conformidade sexual. Muito da pressão social tem como propósito negar aos dissidentes eróticos as comodidades e os recursos que as famílias proporcionam. **De acordo com a ideologia popular, não se espera que as famílias produzam ou acolham a não conformidade erótica. Muitas famílias reagem a isso tentando reformar, castigar ou exilar membros que sejam sexualmente desviantes.** Muitos dos que migram por razões sexuais foram expulsos de casa pela família, e muitos estão fugindo da ameaça de institucionalização. Qualquer amostra aleatória de homossexuais, profissionais do sexo e outros pervertidos pode trazer histórias tristes e cruéis de rejeição e maus-tratos por parte de famílias horrorizadas. (2017, local. 89, grifo nosso)

Ora, para a família de Raimundo, por ele ter nascido homem deveria exercer e reproduzir a estrutura normatizada culturalmente, desse modo, deveria ser um cabra

macho, um homem que gosta de mulher, deveria casar-se e dar netos a seus pais. Ao não exercer esse papel, Raimundo fazia parte, portanto, de um grupo de

Gente torta, povo imundo[...]. Sujo. Não de terra, nem de lama, nem de areia e sangue como ele estava agora. Não era sujo na pele, do lado de fora. Era dentro, lá onde ele era. O ar que inspirava se tornava impuro, e Raimundo expirava podridão. Sujava a família, filho infeto, dela não devesse ter nascido (Gardel, 2021, p. 61).

Raimundo é enquadrado entre os tortos, imundos e sujos. Esses adjetivos que o (des)qualificam impõe sobre ele um estigma, uma marca. Sua sujidade não era superficial nem de algo que desse para se limpar com um banho simples, mas algo que o constituía, era algo “lá onde ele era”. Essa sujidade era ecoava, saía-lhe pelos poros e infectava sua família, sujava sua honra e sua moral. No fim do trecho, sua mãe expressa que não deveria ter dado à luz para aquele filho sujo, por meio de uma oração com seu sujeito ocultado, não expresso em palavras, apagado, era isso que ela desejava que ele fosse por ser infeto, abjeto, também infecundo, pois não concretizará a estrutura reprodutiva. Expressar desejo e afeto pelo mesmo gênero seria, na visão da família de Raimundo, um insulto, algo que deveria ser evitado a todo custo para que a honra da família não fosse sujada e para que os bons costumes e as boas aparências se mantivessem perante a sociedade.

Segundo Rubin,

As sociedades ocidentais modernas avaliam os atos sexuais segundo um sistema hierárquico de valor sexual. Os heterossexuais que se casam e procriam estão sozinhos no topo da pirâmide erótica. Logo abaixo encontram-se os casais heterossexuais monogâmicos não casados, seguidos pela maior parte dos outros heterossexuais. [...] Os indivíduos cujo comportamento figura no topo dessa hierarquia são recompensados com o reconhecimento de saúde mental, respeitabilidade, legalidade, mobilidade social e física, apoio institucional e benefícios materiais. **À medida que se vai descendo na escala de comportamentos sexuais ou ocupações, os indivíduos que os praticam se veem sujeitos à presunção de doença mental, falta de idoneidade, tendência à criminalidade, restrição de mobilidade social e física, perda de apoio institucional, sanções econômicas e processos penais.** (2017, local. 71, grifo nosso)

No caso de Raimundo, por não exercer a heterossexualidade, ele acaba perdendo o apoio da família, que no caso dele era seu maior suporte. Sua família, na figura do pai, reproduz o discurso estabilizador que impõe a Raimundo a binarização

discutida e criticada por Foucault (2021). Se não é hétero, consequentemente é homossexual e, por isso, de acordo com a mitologia da sociedade, deve perder seus direitos, principalmente ao da vida ao classificá-lo com termos que o desqualificam como ser humano. No entanto, caso se “aprumasse”, ele seria colocado no topo da pirâmide das relações e com isso não seria minorizado.

Para que o pai de Raimundo expresse isso e o imponha essa dura realidade, a narrativa revela, por meio de um *flashback*, que Damião, pai de Raimundo, tinha um irmão, que também era *viado*. O pai dos dois não aceitou de forma nenhuma a sexualidade de Dalberto e, com isso, esse acabou morrendo em um episódio de afogamento que o próprio pai lhe causou, como o trecho a seguir revela

O pai deles sabia que Dalberto não nadava, ainda estava aprendendo. Mesmo assim, levou o filho até a beira do rio e ordenou que chegasse no outro lado. Estava na hora, um homem naquela idade não saber nadar! Dalberto olhou para o pai, a corda na mão direita. O rio ou outra surra. Nem o pai queria outra surra, a última surra. Mandava Dalberto para o rio. Não podia ter filho que gostava de macho. A natureza do mundo que desse conta de sua natureza enviesada.

[...] Damião correu, correu como se fosse sua a força que rodava o mundo. Estacou de repente quando avistou o pai, e o tempo parou com ele. O sol a pino projetava sombras murchas. O pai imóvel, com a roupa molhada, a poucos metros da superfície lisa e lenta. Damião não via nem ouvia Dalberto. A lembrança do irmão lhe devolveu os movimentos. Ficou de frente para o pai e o empurrou pelo peito.

— O pai ficou doido? Cadê Dalberto?

Em silêncio, o pai resistia a um choro escasso. Damião lhe deu as costas e rompeu a quietude premonitória do corpo do rio. Mergulhos e braçadas e gritos, a agitação enlouquecida de quem se afoga. A perturbação na água e, da areia, o pai vê é o filho mais novo se debatendo, tentando segurar a mão que pouco antes o empurrava, os braços pesados contra o peso da água, o fundo que não existia puxando o filho com uma corda, a corda na mão dele, os gritos, Pai! Pai!, esmagados pela água que invadia a boca, o nariz, cobria os olhos vidrados na superfície. E o lençol d'água vestiu-se da tranquilidade marmórea dos túmulos (Gardel, 2021, 53-55).

O pai de Damião, de acordo com a norma enraizada, não poderia ter um filho que gostasse de macho. Para ele essa realidade não era da natureza, então a natureza deveria se encarregar disso e lidar com essa perversão *enviesada*, em contraste com a natureza *correta* que era ser heterossexual. Nesse ponto da obra, Damião descobre que seu pai matou seu irmão a partir da cena que vê ao chegar ao rio, não precisa de palavras para compreender o que tinha acontecido ali. Damião naquele momento dá as costas para a estrutura que julgava seu irmão Dalberto a dar

as costas para seu pai, a figura masculina de maior hierarquia, para buscar seu irmão dentro do rio. O pai impõe aos filhos como a realidade deve ser reproduzida, ao não matar o filho com as próprias mãos – posto que ainda mostra um resquício de humanidade e se entristece com a morte do filho – mas ao deixá-lo para morrer pela “natureza” compreendemos que ser desviante no sertão seria assinar uma sentença de morte. Dessa forma, ele tira de si a decisão da morte do próprio filho gay e coloca nas mãos de uma entidade natural. A narrativa em recortes nos evidencia o desespero do momento para os dois irmãos, a angústia do afogamento. A água tomada como força incontrolável seria uma metáfora para o poder da norma sobre os corpos, o peso que a água exerce é ao mesmo tempo uma analogia ao peso da norma que esmaga aqueles que não a obedecem.

Dessa maneira, por meio do trauma gerado pela morte do irmão, por não condizer ao padrão exigido no meio em que estava inserido, Damião impõe esse mesmo padrão, agora ao filho, para que ele não tenha o mesmo destino que seu irmão, que não acabe morrendo pelo preconceito. Todavia, a forma que Damião encontra de impelir isso é doloroso e faz com que crie profundas cicatrizes no corpo e na alma de Raimundo.

A partir disso, ao tentar refutar o rótulo imposto socialmente, principalmente pela figura masculina, fez com que Damião perdesse sua vida. A norma, nesse caso, oprimiu ao ponto de extinguir, no entanto, como observaremos a seguir, Raimundo passa por um processo até reconhecer que está submetido a uma norma e começará a impor-se à normalização e a subverterá.

2.4 Sexualidade como performance: crítica à naturalização do gênero e do desejo

Dando continuidade crítica aos estudos de Foucault, Judith Butler (2022) estuda como o gênero foi estruturado e construído dentro do movimento feminista. Assim como Foucault observa sobre a sexualidade, consoante Butler, o conceito de gênero, assim como o de sexo, são reduzidos a um binarismo que desqualifica certos corpos. Nesse sentido, Butler (2022), em *Problemas de gênero*, critica a biologização e naturalização do conceito sexo e, conseqüentemente, um questionamento da noção de gênero, por meio de uma revisitação a teóricos como Foucault, Monique Wittig e Simone Beauvoir, que foram e são fundamentais para o feminismo como um

movimento. Com isso, Butler compila diferentes visões crítico-teóricas acerca da discussão do conceito construído de “mulher” ao mesmo tempo que questiona as estruturas sociais que (re)produzem um padrão a ser seguido.

Isso posto, para chegar à conclusão de que sexo está inscrito culturalmente aos corpos e apresenta-se como uma interpretação do biologismo humano, Butler (2022) afirma que as instituições sociais, com objetivo de manter coerência dos indivíduos e disciplinar os corpos, por meio do poder materializado em um discurso dominante, fixa as noções de sexo e de gênero. Nas palavras de Butler (2022, p.30),

Se o gênero ou o sexo são fixos ou livres, é função de um discurso que, como se irá sugerir, busca estabelecer certos limites à análise ou salvaguardar certos dogmas do humanismo como um pressuposto de qualquer análise do gênero.

A partir de uma crítica ao feminismo identitário¹², Butler compreende que sexo, assim como gênero, prática sexual e desejo, é construído por meio da cultura. Esses são, na realidade, efeitos de práticas discursivas, ou ainda, como postula, da *performatividade*¹³, exercida no seio social através da pressão do poder das instituições que reiteram regimes reguladores. De acordo com Butler, parafraseando Foucault,

[...] os sistemas jurídicos de poder *produzem* os sujeitos e subsequentemente passam a representar. As noções jurídicas de poder parecem regular a vida política em termos puramente negativos – isto é, por meio da limitação, proibição, regulamentação, controle e mesmo “proteção” dos indivíduos relacionados àquela estrutura política, mediante uma ação contingente e retratável de escolha. Porém, em virtude de a elas estarem condicionados, **os sujeitos regulados por tais estruturas são formados, definidos e reproduzidos de acordo com as exigências delas** (Butler, 2022, p. 18-19, grifo nosso).

Compreendemos, dessa maneira, que dos sujeitos são exigidos uma linearidade em relação a esses três polos – sexo, gênero e sexualidade. Nesse viés, de um indivíduo que tem genitália dita “fêmea”, espera-se que atue como mulher na

¹² Diz-se feminismo identitário aquele que definem uma identidade fixa de mulher que a considera apenas em seu gênero, deixando de lado questões como sua raça e sexualidade. Conceito que passa a ser criticado pela crítica feminista (Butler, 2022).

¹³ A performatividade, segundo Butler (2019), “não é, portanto, um “ato” singular, pois sempre é a reiteração de uma norma ou de um conjunto de normas, e na medida em que adquire a condição de ato no presente, ela oculta ou dissimula as convenções das quais é uma repetição” (local. 35).

sociedade e, por isso, sinta-se atraída pelo seu gênero oposto, desempenhando, assim, uma heterossexualidade normatizada, ou ainda, submeter-se à heteronormatividade compulsória.

Dessa maneira, existe uma tentativa de aprisionar os corpos em limites humanistas e essencialistas desqualificando, marginalizando e oprimindo qualquer outro tipo de identidade de gênero que fuja à regra normativa.

Butler (2022, p. 30) afirma ainda que:

Tais limites se estabelecem sempre nos termos de um discurso cultural hegemônico, baseado em estruturas binárias que se apresentam como a linguagem da racionalidade universal. Assim a coerção é introduzida naquilo que a linguagem constitui como o domínio imaginável de gênero.

Nesse contexto, ao se fixar sexo como um fator biológico e o gênero uma interpretação cultural desse aspecto físico do corpo, estreita-se as possibilidades a binarismos (macho – homem; fêmea – mulher) que reduz as possibilidades ontológicas humanas de gênero, invalidando existências que fogem a essa regra imposta culturalmente. Essa concepção que Butler critica, assim como muitos outros estudiosos e teóricos queer, é naturalizada e reproduzida na sociedade e, conseqüentemente refletida na concepção e entendimento de como a sexualidade deve ser exercida de baseada nos binarismos estabelecidos hegemonicamente.

Ao correlacionar a concatenação dos conceitos de gênero, sexo e sexualidade postula que

O gênero só pode denotar uma unidade de experiência, de sexo, gênero e desejo, quando se entende que o sexo, em algum sentido, exige um gênero – sendo o gênero uma designação psíquica e/ou cultural do eu – **e um desejo** – sendo o desejo heterossexual e, portanto, diferenciando-se mediante uma relação de oposição ao outro gênero que ele deseja (Butler, 2022, p. 54, grifo nosso).

Com isso,

A instituição de uma heterossexualidade compulsória e naturalizada exige e regula o gênero como uma relação binária em que o termo masculino diferencia-se do termo feminino, realizando-se essa diferenciação por meio das práticas do desejo heterossexual (Butler, 2022, p. 53).

Sendo assim, essa compreensão uniformizadora dos corpos antecipa “as possibilidades das configurações imagináveis de gênero na cultura” (Butler, 2022, p. 30). Isso ocorre de modo que os indivíduos são condicionados a assumirem e performarem, a partir de seu sexo biológico um gênero (homem ou mulher) e um desejo sexual (heterossexual). Com isso, há a construção de um discurso manipulador e uniformizante que impõe aos corpos uma identidade de gênero e de sexualidade, pondo-os numa forma e ditando o papel que cada indivíduo deve performar.

Observamos esse discurso de imposição da norma de gênero e sexualidade em uma figura da família de Raimundo, Caetana, sua mãe que impõe o modelo heteronormativo sobre o corpo do filho. Essa é influenciada principalmente pelos discursos hegemônico religioso e do senso comum da sociedade, quanto aos papéis de gênero e sexualidade, nunca aceitou o tio do menino e mostrou não aceitar Raimundo e rejeitá-lo inteiramente o filho pelo simples fato de ser quem ele era. Como podemos ver no trecho:

— Como pode isso, mãe? O vô matou um filho?
 — Teu avô fez o que fez por causa de Dalberto. as imoralidades de Dalberto, pulso firme do vô, o pai apanhou junto do irmão, Dalberto gostava de macho, Dalberto frouxo,
 — E por que esconder a morte dele?
 — E mostrar pra quê? **Dalberto só trouxe desgraça, tem que ficar no esquecimento, por mim nem aquela cruz tinha.** Foi teu pai que teimou, Tem que ter uma cruz sim, um dia eu tive um irmão, era meu irmão, Caetana (Gardel, 2021, p. 76-77).

Para Caetana, não haveria outra solução para Dalberto, sua existência ia contra a moral. O avô estava certo em praticar a opressão sobre Dalberto, concluindo, mesmo que sem o uso de um conectivo conclusivo, mas pela semântica compreendemos ser uma construção conclusiva que Dalberto por gostar de outro homem era frouxo, não era macho, não era homem como o avô. Raimundo questiona o segredo sobre a morte do tio e em resposta sua mãe evidencia sua mentalidade repressora e reprodutora da norma. Em contrapartida, a posição do pai aponta que na época ele não ligava para a sexualidade do irmão, diferente da esposa que sempre mostrou em seu discurso esse posicionamento averso a sexualidades que fogem da normatividade. Restando apenas um sinal de Dalberto, uma cruz a margem do rio, um lembrete de que ali na beira do rio o pai dos dois jogou o filho na correnteza para morrer por ser diferente.

Sua mãe, embebida pelo preconceito enraizado e a aversão ao próprio filho diz para ele que fuja, enquanto seu pai não volta. “Depois do que tu fez tu não pode mais ficar aqui não” (Gardel, 2021, p.77). O que Raimundo fizera que o impossibilitava de estar em casa? Quais questões Raimundo teria suscitado com o fato de ter um relacionamento com Cícero? Aparentemente, o que Caetana decretou ali para Raimundo foi uma sentença de morte, assim como a de seu tio, pois nunca mais o veria, sua família o esqueceria e não mancharia mais a moral que sua simples existência questionava. Ao fugir de casa, Raimundo começa a trabalhar como chapa¹⁴ quando começa a ter contato com diversas realidades assim como a dele, de homens que escondem quem são e gozam de seus desejos na surdina, em locais escuros e sujos.

Dessa forma, observamos que a performatividade de gênero e sexualidade pontuada por Butler habitam o setor familiar e é exigido de Raimundo – a mesma situação que foi exigida de seu tio – que, em nome da moralidade, pelo fato de ser homem, atue como um indivíduo heterossexual. Isso faz com que a opressão de gênero e a homofobia seja iniciada e sofrida dentro da família.

¹⁴ Na obra trabalhar como chapa seria realizar o carregamento de carga de caminhões.

3 IDENTIDADE EM CONFLITO:AS (DES) IDENTIFICAÇÕES DE RAIMUNDO E A CONSTRUÇÃO DA DIFERENÇA

Nesta seção são apresentados os conceitos de identidade, identificação, diferença e desidentificação, para que se compreenda a análise da construção da identidade sexual de Raimundo ao longo da obra, principalmente por meio de suas relações inter e intrapessoais.

3.1 Identidade pós-moderna em processo de construção: identificação, diferença e desidentificação

Em *A palavra que resta*, Raimundo atravessa um processo de construção de sua identidade. A narrativa constrói e elenca acontecimentos que foram responsáveis para que o Raimundo do fim da jornada fosse diferente daquele que foi criado no sertão. Para entendermos essa formação, é importante que compreendamos que, ao longo da história da sociedade, os movimentos sociais, como por exemplo o movimento gay, o feminismo, as lutas de classe e de raça, basearam suas reivindicações em categorias identitárias (gênero, sexualidade, raça e classe social). Esse apego a esses traços acabava por delimitar as discussões e, consequentemente, a pautá-las apenas no que era de interesse de uma reduzida parcela dentro desses movimentos.

Considerando que o conceito de identidade baliza esta análise, cabe compreender como a identidade foi/é enxergada e compreendida ao longo do tempo. De início, em *A identidade na pós-modernidade*, Stuart Hall (2006) oferece um comentário histórico sobre esse conceito. Na ótica de Hall (2006, p. 7), “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como sujeito unificado”.

Os apontamentos de Hall sobre a transformação da identidade têm origem em sua compreensão da sociedade como um complexo sistema marcado pelas relações sócio-históricas. Esse processo de fragmentação identitário não começou a ocorrer recentemente; deu-se, pelo contrário, por meio de diversas questões históricas que atravessaram cada momento do estudo da identidade. Nesse sentido, o modelo de indivíduo era baseado na “maioria” masculina, branca e heterossexual, de origem

burguesa. Esses corpos eram – e ainda são – reconhecidos socialmente e por isso tratados como corpos que importam¹⁵ constituindo o grupo mais favorecido na sociedade. Dessa forma, para Hall (2006) foi com a “modernidade tardia” que a concepção de identidade passou a ser compreendida de forma descentrada e assumiu maior complexidade conceitual.

A identidade pode ser baseada em algumas concepções que, de acordo com o postulado por Hall, foram adotadas a partir do período Humanista e Renascentista (século XVI) até a pós-modernidade (segunda metade do século XX). Foi no Renascimento que os estudos do indivíduo e sobre ele começaram a ser centralizados. Com o Iluminismo, no século XVIII, e a tentativa de racionalizar os estudos, a ciência proporcionou a centralização do homem. Esse homem, agora racionalizado e simplificado em planos cartesianos, estimulou a construção da noção de indivíduo e apagamentos da subjetividade. A partir disso, para construir seu argumento, Hall divide o sujeito em três de acordo com a cronologia que monta: o *sujeito do iluminismo*, o *sujeito sociológico* e o *sujeito pós-moderno*.

Referente ao período Iluminista, o sujeito era compreendido como a essência vital e concreta dos indivíduos, fixa assim do nascimento até a morte. Nesse período o indivíduo era

[...] baseado numa concepção da pessoa humana com um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo “centro” consistia num único núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo – contínuo ou “idêntico a ele – ao longo da existência do indivíduo (Hall, 2006, p. 11).

Essa perspectiva de identidade foi possibilitada pelos estudos humanistas que centralizaram o homem nos estudos científicos. Começou, assim, a se investigar a constituição da individualidade e a noção de identidade, estabilizada em um indivíduo centrado e cartesiano.

Com as mudanças geradas pelo capitalismo e pela ascensão e consolidação das sociedades modernas, veio a necessidade de compreender o indivíduo não apenas por ele, mas incluído em uma vivência em comunidade. A perspectiva

¹⁵ Para Butler (2019), corpos que importam são aqueles corpos que atendem e reproduzem as normas sociais de performatividade de sexualidade e gênero.

sociológica localiza o indivíduo em comunidade e argumenta que o meio em interação com o “eu” é fator determinante para formação da identidade (Hall, 2006). Portanto, essa concepção de um indivíduo social - nomenclatura até mesmo paradoxal, tendo em vista que retoma a noção individualista do século anterior - já começa a posicioná-lo em uma historicidade. Seria, portanto, uma transição entre a identidade *centrada* e a identidade *desestabilizada* da pós-modernidade.

Já o sujeito pós-moderno, seria, portanto, paradoxal, desidentificado, incoerente e indeciso, afinal “[o] próprio processo de identificação através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais tornou-se mais provisório, variável e problemático” (Hall, 2006, p. 12). Nesse sentido, a identidade deixa de ser enxergada, já no final do século XX, como um construto cristalizado e se começasse a ter a noção de identidades diversas, traços identitários diferentes. Ao mesmo tempo que existiam e reivindicavam sua existência precisavam de seu espaço na sociedade.

Atualmente, para os Estudos Culturais, a identidade não existe como algo estável e único, mas como um processo. Dessa forma, o processo de construção da identidade se dá por meio de infinitos processos de identificações. A partir de um comentário de Kobena Mercer, para Hall (2006, p. 21)

[...] as paisagens políticas do mundo moderno são fraturadas dessa forma por identificações rivais e deslocantes – advindas, especialmente da erosão da “identidade mestra” da classe e a emergência de novas identidades, pertencentes à nova base política definida pelos novos movimentos sociais: o feminismo, as lutas negras, os movimentos de libertação nacional, os movimentos antinucleares e ecológicos.

Nesse contexto, compreendemos que o processo de identificação/identificar-se seria um fator constitutivo das subjetividades. Estas, em eterno modificar-se e identificar-se, fazem com que os sujeitos sempre se reencontrem em novos conceitos, modificando-se com o passar do tempo e pelas vivências pelas quais são atravessadas. Hall (2006, p. 21) argumenta que:

uma vez que a identidade muda de acordo com a forma que o sujeito interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganha ou perdida. Ela tornou-se polarizada. Esse processo é, às vezes, descrito como constituindo uma mudança política de identidade (de classe) para uma política da diferença.

O processo de identificação passaria por uma transitoriedade, em que naquele determinado momento de contato com uma nova perspectiva identitária o indivíduo fosse interpelado a aderir ou não àquele novo traço de identidade. Um exemplo desse processo de identificação em *A palavra que resta* é quando Raimundo conhece Suzanný: sendo esse um momento de tensão identitário, o protagonista se *identifica* com ela (por não pertencer à sociedade heteronormativa) ao mesmo tempo que *repudia* o que ela representa (por poder rejeitar Suzanný como algo pior do que a si mesmo). Nessa perspectiva, reconhecer-se nos movimentos sociais e identificar-se com as políticas identitárias poderia ser algo transitório, tendo em vista que a tendência desses movimentos seriam eleger um traço identitário como pauta e como fator de exclusão de outras identidades que também se reconheciam de alguma forma com esse feixe de subjetividade.

Ainda nessa discussão Tomaz Tadeu da Silva (2000) diz que:

A afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre as operações de incluir e excluir. Como vimos, dizer 'o que somos' significa também dizer 'o que não somos'. A identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído (2000, p. 82).

Portanto, na sociedade, grupos são criados a partir da noção de igualdade e diferença. Exemplo disso, podemos dizer que quando um indivíduo se identifica como heterossexual, ele o faz porque não se identifica como homossexual (o diferente). É a partir do outro que o indivíduo se compreende quem é por meio do processo de identificação com este ou aquele grupo social.

A questão a ser levantada, nesse momento, é que alguns grupos têm identidades mais aceitas socialmente e essas são assistidas em termos de seus direitos, pois são consideradas coerentes para as instituições que regem a sociedade. Para Silva (2000, p. 84),

A definição daquilo que é considerado aceitável, desejável, natural é inteiramente dependente da definição daquilo que é considerado abjeto, rejeitável, antinatural. A identidade hegemônica é permanentemente assombrada pelo seu Outro, sem cuja existência ela não faria sentido.

Com isso as identidades são construídas e reforçadas por meio de traços identitários que são estabilizados socialmente, interpretados a partir dos corpos e reiterados por eles ao reproduzir as estruturas identitárias impostas. Paralelamente, é por meio da normalidade atrelada à heterossexualidade, cunhado a partir da noção de diferença, que a homossexualidade é estigmatizada, marginalizada, patologizada. É isto que lemos no processo de identificação de Raimundo com/contra Suzanný. Dessa maneira, aqueles que não seguem o padrão, aqueles que se identificam como queer, são marginalizados e têm suas identidades rechaçadas.

Aliado a isso, o processo de desidentificação, de acordo com José Esteban Muñoz (1999, p. 161), seria o processo de autoatualização que – em tradução nossa – “vem ao discurso como uma resposta às ideologias que discriminam, rebaixam e tentam destruir componentes da subjetividade que não convergem ou correspondem com narrativas de universalização e normalização”¹⁶. Assim dizendo, o processo de desidentificação seria uma forma de *reproduzir* a estrutura, mas ao mesmo tempo *resistir* ao processo de normalização. Tendo em vista que “o sujeito desidentificado não é um aviador que escapa do campo atmosférico da ideologia. Muito menos uma figura trapaceira que pode facilmente estar no topo o tempo todo. Algumas vezes a desidentificação é insuficiente”¹⁷ (Muñoz, 1999, p. 161-162).

Nesse viés, Raimundo reconhece que Suzanný apresenta uma identidade marginalizada assim como a dele. Porém, reproduz o mesmo estigma e a mesma opressão que ele mesmo sofre. Com isso, a desidentificação de Raimundo ocorre em relação à norma, ao reconhecer nela uma estrutura de reprodução de preconceito que também é posta em prática por ele mesmo. Isso, entretanto, não o impede de exercer sobre Suzanný uma opressão que clarifica a relação paradoxal entre os dois (relação de Raimundo com o outro) ao mesmo tempo que evidencia o caos identitário de Raimundo (relação de Raimundo consigo mesmo). Todavia, a partir dessas relações inter e intrapessoais, a desidentificação intensifica-se ou retrocede.

Portanto, a identidade deve ser compreendida, não como um conceito fechado em si e cristalizado, mas como um processo em constante identificação, ao

¹⁶ Process of self-actualization come into discourse as a response to ideologies that discriminate against, demean, and attempt to destroy components of subjectivity that do not conform or respond to narratives of universalization and normalization. (Muñoz, 1999, p. 161).

¹⁷ The desidentifying subject is not a flier who escapes the atmospheric force field of ideology. Neither is she a trickster figure who can effortlessly come out on top every time. Sometimes desidentification is insufficient. (Muñoz, 1999, p. 161-162).

mesmo tempo que pode, ou não, desidentificar-se. Ao longo do tempo e das vivências em sociedade, com os outros e consigo mesmo, a identidade pode sofrer essas incursões de movimento de identificação e constantes desidentificações. Não ficamos alheios à estrutura que sistematiza a normatividade, muito menos inertes a esse processo. No entanto, a partir das desidentificações percebemos essa estrutura e começamos a questionar as imposições identitárias que ela impõe. Dessa maneira, devemos compreender que a identidade muda e, por não ser constante, não seremos os mesmos sempre.

3.2 A sexualidade de Raimundo: a partir das relações intra- e interpessoais

A partir da compreensão da identidade, do processo de identificação que a constitui a partir daquilo que nos identificamos e daquilo que consideramos diferente do que somos e de nos aproximar do conceito de desidentificação, fundamentamos a análise da construção e da formação da identidade sexual de Raimundo, levando em conta os processos de identificação e desidentificação engendrados na tecitura da obra em *três movimentos principais*.

Diante essa nova perspectiva do processo de formação da identidade, um dos aspectos que podemos considerar constitutivos da identidade seria a sexualidade. Nesse contexto, conforme Butler (2022, p. 43), “a ‘coerência’ e a ‘continuidade’ da ‘pessoa’ não são características lógicas ou analíticas da condição de pessoa, mas, ao contrário, normas de inteligibilidade socialmente instituídas e mantidas”. Desse modo, existem estruturas que mantêm, regulam e reproduzem padrões eleitos como normativos que ficcionalizam uma estabilidade da sexualidade dos sujeitos, bem como de outros elementos que constituem sua identidade, por meio de práticas reguladoras que geram identidades coerentes (Butler, 2022).

Para Butler (2022, p. 47), “a regulação binária da sexualidade suprime a multiplicidade subversiva de uma sexualidade que rompe as hegemonias heterossexual, reprodutiva e médico-jurídica”. Assim, as instituições – direito, medicina, família, escola e outras – reforçam, reproduzem e impõem a binarização da sexualidade, por meio de uma heteronormatização dos corpos. Dessa forma, conforme discutido anteriormente, esse processo de heteronormatização dos corpos enfatiza que um indivíduo que tem uma genitália dita “masculina” expresse seu gênero como masculino e conseqüentemente sinta desejo pelo seu oposto, mulheres

biologicamente femininas que retribuiriam esse desejo. De modo a cumprir a noção tradicional e ideal de relacionamento que culminaria com a reprodução.

Podemos observar que a identidade de Raimundo é construída e constantemente questionada tanto pela relação consigo mesmo (o que chamamos de relação *intrapessoal*), quanto com os indivíduos que estão presente nesse processo (que chamamos de relações *interpessoais*). Essa identidade não é tratada de forma linear, mas é sentida de forma bastante complexa pelo protagonista. Nesse sentido, postulamos que há três movimentos dentro da obra: um *momento inicial* de descoberta de Raimundo e Cícero; um *secundário* de questionamento, a partir da família no que diz respeito a sua identidade sexual, além da reprodução do padrão identitário socialmente imposto, que gera uma negação de si ao longo do trajeto sertão-metrópole e *finalmente* o processo de identificação com Suzanný e a desidentificação em relação à norma.

O *primeiro movimento* inicia-se quando, em uma noite de forró, Raimundo conhece Cícero e, a partir daí, começa a desenvolver um romance. O protagonista se mostra receoso, mas ao mesmo tempo, estimulado pelo amor por Cícero, persiste no sentimento. No entanto, o romance entre os dois começa a ser minado quando o pai de Cícero descobre. Nesse momento, Raimundo se mostra temeroso quanto ao destino dos dois e como que aquela descoberta afetaria suas vidas

Será que Cícero pensava o mesmo que Raimundo pensava agora, depois de seu Nonato também lhe ferrar a marca da culpa? E como em Raimundo, a culpa lhe comia o íntimo inteiro, o ele, de dentro. Devia vir dali a imundice de que o pai falou. Do interior digerido na acidez da culpa. Então aquele Raimundo, o Raimundo que gostava de homem, era feito de restos, vômito, decomposição dos seus atos imorais. E o que sobrava? Ossos de encardida decência. Se livrar da carne que deseja? Do tutano que questiona e se rebela? Ele não sabia se o mesmo acontecia com Cícero.

E nem sabia como seria a vida sem Cícero. A vida de gente limpa que o pai desejava. Como era a vida antes de Cícero? E algum dia poderia deixar de gostar de alguém igual a ele? Dá pra não desejar, esquecer esse desejo que me suja? que eu tinha que esconder? esconder de uma vez o desejo pra não mais me esconder. Peito aberto, abarrotado da honradez de macho que fode mulher, esse orgulho que obrigava e enfeitava os olhos do pai e do mundo (Gardel, 2021, p.62).

Raimundo começa, então a se sentir dividido entre viver a vida com quem ama e respeitar o padrão e a moral representada pela família. Após serem marcados com

ferro – ferrados – pela marca, pelo estigma, pela surra que lhes deram, ele se sente sujo, imundo, sente uma culpa que lhe comia de dentro para fora, no seu íntimo. Por meio da hipérbole a narrativa tenta nos fazer compreender com que Raimundo se encontrava, com todos seus sentidos querendo dar conta dos acontecimentos, de seu desejo e ao mesmo tempo da impossibilidade de senti-los. Ele compara a moral com um ácido que o corroi de dentro para fora, e quando ele terminar de fazer isso o que restará será apenas um amontoado de ossos de decência encardida, não existirá Raimundo. Questiona, então, sua possibilidade de existir sem amar Cícero, ou seja, para ele, nesse momento, não é possível se ver existindo sem sentir desejo por Cícero. O “ele de dentro” está em constante questionamento, encontra-se entre identificar-se com a normatização que é exigida da família – como podemos ver em: “esconder de uma vez o desejo pra não mais me esconder” – ou não se identificar e seguir aquilo que sente. Deve ceder à pressão da estrutura e exercer aquilo que era esperado dele como homem?

Raimundo sente que quem ele é, o que ele gosta e deseja, é repugnante, pois foi isso que sua família o fez entender ao impor: fisicamente por meio da surra; discursivamente pela opressão e simbolicamente através do silêncio. Então faz diversas perguntas para si mesmo, ninguém as responde: “Dá pra não desejar, esquecer esse desejo que me suja? que eu tinha que esconder?”. Raimundo sabia que a resposta era não, mesmo assim tenta ser quem ele não é, tenta performar o que é esperado de um homem (Butler, 2022), relacionar-se com uma mulher, procriar e se moldar nos enfeites que estão diante dos olhos do pai e da sociedade para dar orgulho a eles.

Na sequência, Raimundo quer se explicar para a mãe sobre seu relacionamento, sobre sua sexualidade.

Como dizer pra mãe? [...] a gente sempre brincou junto e trabalhou junto muitas vezes, pois a gente cresceu, e de um tempo pra cá passou a se gostar, se gostar mais que amigo, e a querer ficar junto, **eu sei que não era pra ser assim, a senhora nem o pai queria que fosse assim, que não foi essa a criação que me deram, mas é isso, mãe, é isso que fica imprensando o meu peito e o peito de Cícero,** perceber que o que a gente é, que não vem da criação, não vem, porque a senhora e o pai me criaram direito, me deram tudo, mas vem de dentro, dói é quando a gente percebe que está machucando todo mundo por causa da criação e da criação de todo mundo também, porque **todo mundo cresce sendo educado pra virar a cara pra esse tipo de gente, que tem que fugir da criação pra perseguir o**

que vem de dentro, minha mãe, eu gosto dele sim, e sinto vontade de dormir com ele e viver com ele [...] (Gardel, 2021, p. 74, grifo nosso).

Raimundo tenta suavizar sua relação com Cícero, ao usar o termo “gostava”, ao invés de amava: “a gente se gostava, mas não era apenas um simples gostar”. Ele se entrega no seu relato e reconhece que o padrão de vida a ser seguido seria o da heterossexualidade, pois foi isso que seus pais lhe ensinaram, mas aquilo que sente, o que é, questiona a norma que lhe foi imposta. Ele, ao contrário, escorre para fora, ele não se reconhece nesse padrão e isso o machuca, pois ao mesmo tempo que ele quer amar e desejar um homem, não quer que a família o ignore e o destrata. O que ele é, com o que ele se identifica, na verdade é algo que se é educado a ignorar, a perseguir, a não aceitar, e consequentemente pôr em prática a “educação que lhe foi dada”.

Desse modo, mesmo que inicialmente Raimundo não reconheça sua identidade sexual, sua família a fabrica quando, ao não reconhecer em Raimundo como reprodutor da heteronormatividade, e perceber sua inconformidade com a norma, veem-no como “estranho”, aquele que é o “oposto” àquilo que a família vem expressando como norma. Por esse motivo, o (des)qualificam como diferente (Silva, 2000), e com isso é identificado como “torto”, “imundo”, “aquele que deveria ser perseguido”, por isso é expulso de casa pela mãe, pela identidade sexual a ele imposta e não exercida. É nessa relação que a tensão entre as relações intra- e interpessoais residem, pois a identidade de Raimundo se fabrica a partir da culpa (ele a internaliza) e sua convivência com outros corpos, ao mesmo tempo que se identifica e interroga o sistema. Nesse sentido, a concepção de ser o diferente, como teorizado por Silva (2000), ilustra a sensação de pertencimento sem pertencer, por não reproduzir a heterossexualidade esperada como norma, imposta a ele compulsoriamente.

Raimundo, ao sair do sertão, toma para si e internaliza que seu jeito de ser não dever ser mostrado e começa a esconder-se à luz do dia ao trabalhar entre caminhoneiros. É quando se dá início ao *segundo momento* da construção da sua identidade, reproduzindo o padrão imposto pela família, e pela sociedade como um todo sobre a sexualidade e como ela deve ser exercida pelos corpos. Entre seus colegas de trabalho, Raimundo agia como prescrito na cartilha heteronormativa para que não sofresse o mesmo julgamento do seio familiar e passasse despercebido

naqueles locais em que a norma era ser homem e exercer a masculinidade e a sexualidade atreladas a esse gênero.

Entretanto, à noite, Raimundo deixava sua “máscara” de lado e permite escapar seus desejos nos cine pornô, onde ele poderia exercer seus desejos sem ser julgado

O quarto fedia a mijo e merda, suor e cigarro. A catinga incomodava, mas não o suficiente para fazer Raimundo ir embora. Ele estava atrás do cheiro de homem, das partes, de perto, como não podia estar lá fora. Lá dentro, o ambiente não estranhava as entranhas. Cinema quente e imundo. A maldita palavra impregnava as roupas e o corpo. Só quando ele deixava o lugar ela entorpecia a mente. Porque, antes do gozo, a imundice vergava sob as baforadas quentes do desejo. O desejo dele e do homem vergado, encaixado no seu corpo. [...] Com Cícero era de dia, era diferente, o rosto, a voz. Cícero tinha ficado no passado. Na calçada mal iluminada, Raimundo era o Raimundo dos becos. Ejaculada a vontade, se enchia de nojo e raiva. Pelo menos até a próxima noite num lugar como aquele (Gardel, 2021, p. 65-66).

A construção da identidade aqui dá-se por meio da relação de Raimundo consigo mesmo (o intrapessoal), em constante conflito entre os seus desejos e a pressão social que o fazia negá-los e por isso vai aos cine pornô como forma de silenciar suas vontades e manter-se na linha. Nesse lugar que “não estranhava suas entranhas”, pois ali exalava o fedor de “mijo, merda, suor e cigarro”, um fedor maior que aquele que emanava de si mesmo, era onde a imundice que emanava de si “vergava sob a baforada do desejo”. A imundície que sentia só vinha depois de transar com um homem, quando as “baforadas do desejo” que o dominavam davam lugar à lembrança de como poderia ser tratado pela sociedade o que ocorria ali dentro daqueles quartos quentes, de forma parecida como a família o tratara ou ainda pior.

Explica-se que com Cícero era diferente, pois com ele era durante o dia, às claras. Essa relação antitética – entre um mundo mal iluminado das noites com outros homes e o espaço às claras do dia com Cícero – ilustra como as relações passam a ser entendidas por Raimundo. No passado, enquanto era dia, ele se sentia bem em fazer e estar com Cícero, porém agora fazer isso era sujo, era com qualquer um, prazer sentido de forma rápida e depois “se enchia de nojo e raiva”, de si, de ser assim, de não ter mais Cícero. Com isso, Raimundo, por pressão social, esconde seus desejos e reproduz, assim, o padrão a ele imposto, tenta se manter dentro da heterossexualidade, pelo menos “até a próxima noite num lugar como aquele”.

Compreendemos que, quando esse processo é posto em prática, a identidade naturalizada é a heterossexual e aquele que não se enquadra nesse padrão é enxergado como o diferente, o outro, aquilo com que não se identifica. No entanto, esse processo de naturalização de algumas identidades encobrem o fato de que tanto a identidade quanto o diferente são construídas. Ou ainda, conforme Silva (2000), numa posição mais radical, é a diferença que, na realidade, produz a identidade. É ao não se identificar no outro que se constrói o que se é.

Essa relação entre si e o outro pode ser observada na narrativa quando Raimundo, em uma das suas noites de prazer na surdina, conhece Suzanný, aquela que representava para Raimundo algo incompreensível e extremamente diferente, que quebrava todos os padrões de “o que é ser homem e mulher” dentro da obra, que é uma travesti e prostituta que lhe oferece seus serviços

— E aí, gato, a fim de uma curtição?
Era ela, de tanga preta e uma tira de pano rosa choque sobre os seios.
Raimundo atravessa a rua.
— Vai pra merda! já estou enfezado ainda vem uma porra dessa?
— Ai, calma, não gozou gostoso lá dentro do cine não, foi?
Raimundo olha atravessado.
— Que foi que tu falou? Hein, viado? Aberração! Esses peitos de plástico, se fazendo de mulher e tem uma piroca no meio das pernas, seu baitola! Viado imundo!
— Tem quem goste, ignorante.
— Mas eu não gosto nem de ver, fique aí, que eu já estou cheio desse esgoto por hoje.
— Isso, avoa daqui, encubado (Gardel, p. 66-67).

Nesse momento Raimundo tem contato com uma identidade que transgride todas as normas prescritas dentro da binariedade, é nesse momento que ele começa mais uma vez a se questionar da sua identidade, mas agora de fora para dentro (relação interpessoal). A partir do conflito que Suzanný carrega em seu corpo que se “faz de mulher e tem uma piroca no meio das pernas”. Para ele ter um membro no meio das pernas e vestir-se com mulher é algo nojento, tanto que a coloca no mesmo lugar que uma vez sua mãe o colocou, de imundice.

A segunda vez que Raimundo a encontra ele está com seus colegas de serviço, o que faz com que o cenário esteja ainda mais propenso para que o sistema opressivo de identidades desviantes, diferentes (Silva, 2000) atue

— Olha aí, Raimundo, o traveco fica direto olhando pra tu e está vindo pra cá.
 — Que conversa, joga, deixa ela aí.
 — Boa noite. ela tinha que inventar,
 — Valha, que povo mal-educado, nem pra dar boa noite.
 [...] Deixa minha cabeça quieta e vaza, melhor tu ficar lá na tua calçada, vaza, viado.
 — Ah, eu sabiiiiia, a fuça eu vi que era parecida, nessa luz de tardezinha não estava bem certa, mas a voz eu não esqueço, puta que pariu, Raimundo, tu foi abrir a boca, não esqueço voz enrustida, que o enruste contamina até a voz. É tu, sim!
 — Eu o quê, hein?
 — Isso, macho véi, se levanta. É tu mermo que eu encontrei saindo do cine pornô outra noite. Todo injuriado, ficou só na punheta, foi não? e fica rindo? fica rindo, seu viado?
 — Vixe, Raimundo!
 — Que vixe o quê, vocês deixe de serem besta, que essa aí é só a droga. Passa direto.
 — Empurra não, bicha, empurra não!
 — Empurro se eu quiser, vai fazer o quê? Estou aqui no meu canto e tu vem atazanar?
 — Não me puxa, Nárjore.
 — Escuta teu amigo baitola e vai com ele, vai! Vai fazer ponto noutra canto que aqui tem quem goste de traveco não!
 — Ah, é? Duvido, bando de cu preso desse.
 — Vai-se embora, porra-louca.
 — Solta, Nárjore, já estou indo, me solta.
 — Esse povo imundo acha que fazem o que quer no mundo, aí podem chamar a gente de qualquer coisa? (Gardel, p. 98-99).

Os caminhoneiros ridicularizam a situação de ter um “traveco” encarando Raimundo. Diferente do primeiro encontro Raimundo utiliza o pronome ela para se referir a Suzanný. Ao reconhecer Raimundo, Suzanný tenta tirar ele do armário, mas ao mesmo tempo Raimundo a desqualifica ao dizer que está sob o uso de entorpecentes, subvertendo sua fala e tentando silenciá-la.

A partir daí Raimundo volta a usar o pronome masculino – ele – para se referir às duas outras personagens, o que mostra como é contraditória a aceitação das duas prostitutas e sua recusa quanto a identidade de gênero das duas. Mais uma vez o discurso da mãe de Raimundo volta a compor o seu quando utiliza o termo imundo e na mesma construção tenta invisibilizar a identidade das travestis, reduzindo-as com o uso do hiperônimo povo.

Tudo aquilo que lhe foi imposto pelo pai na adolescência, somada às vivências que teve na estrada, ao esconder-se da sua identidade, além dos gatilhos falados por Suzanný – que chama Raimundo de “enrustido”, “cu preso” – tudo começa a reverberar, e Raimundo descarrega sobre o corpo queer de Suzanný toda a repressão

que sofreu e que de certa forma ainda sofre. Inicialmente, Raimundo responde por meio de palavras utilizadas em tom pejorativo – “viado”, “porra-louca” –, também motivado pelo contexto que está inserido – de repressão.

Essa interação entre os dois diante dos amigos de Raimundo faz com que a identidade performada e ficcionada (Butler 2019, 2022) diante dos amigos comece a se abalar e desestruturar, como exposto a seguir: “ela tinha deixado uma rachadura no muro, eles podiam espiar minha vida, eles vão achar que eu conheço mesmo aquela infeliz, vou ter que arrumar outra carga, outra turma, não posso arriscar, não posso” (Gardel, 2021, p. 100). Assim, começando a expor o que ele realmente é, e com isso ele ameaça agredir Suzanný: “vou mostrar pra ela que ela tem que ficar no canto dela, ela vai ver, vai se arrepender de mexer na minha vida, e pensar que fiquei todo arrependido deter falado com ela daquele jeito na saída do cine” (Gardel, 2021, p. 101).

Em seguida, por intermédio da agressão física, o protagonista impõe sobre o corpo travesti o padrão que tenta reproduzir,

[...]Tu não cala essa boca? Pois eu calo por você. [...] Ela jogou a bolsa no chão e foi para cima de Raimundo, chutando, de saia e tudo.
 — Eu não saio de noite por aí, com roupa de mulher, dando meu corpo por dinheiro [...] Vai se foder, viado imundo. Acha que sabe da vida da gente.
 — Seu encubado de merda, pensa que é o quê?
 — E tu, pensa que é o quê? Hein? Tu é homem, porra! [...] Raimundo acertou outro murro.
 [...]— Tu fica longe de mim, fique aí, procurando ar nesse mundo que tu vive, mas não venha me procurar e falar de mim pra seu ninguém, ouviu? Ela não respondeu, a barriga chupada como se tivesse colada por dentro.
 — Tu me entendeu?
 [...] No teu rabo! Raimundo largou-lhe um chute na barriga, apancada ecoou num grito, que morreu de uma vez, sem ar. tenho que sair daqui, alguém vai aparecer, a cara dela, a cara dela não está boa, o coturno, logo na barriga,
 — Pra que tu foi falar de mim? Hein? Responde! ela está ficando branca, a cabeça pendurada desse jeito, o peito dela, subindo e descendo apressado, feito passarinho, parece que desmaiou, era só o que faltava,
 — Ei, acorda! Acorda! merda, viado de merda pra desgraçar a vida da gente! inchando, ficando roxo, a barriga dela (Gardel, 2021, p. 102-104).

No entanto, ao mesmo tempo que reage de forma explosiva reconhece que são parecidos, Raimundo se identifica com seu outro, e nota que ao mesmo tempo que são diferentes também compartilham algo:

Na rede armada sob o baú do caminhão, a cabeça afundou na baeta que servia de travesseiro. Pra que tinha que se meter na vida da gente? tivesse me deixado quieto, eu vinha embora, ruminando minha raiva, como sempre fiz, nem lembro o rosto dele direito, mas lembro o que eu disse, disse não, cuspi na cara dela, não precisava, Raimundo, esbravejar daquele jeito, não pode, tua raiva tu guarda com você, nem que um dia você espoque, não pode é brigar na rua. Mas não era só isso. Tinha uma muriçoca voando no ouvido dele, afastando o sono, zunindo dentro da cabeça **o que ele falou para alguém como ele, alguém que estava no meio do mundo, do mundo que aceitava as pontas, homem que gosta de mulher e mulher que gosta de homem, o meio era caroço infértil.** Fruto podre, que só serve pra jogar nos chiqueiros da vida, nas esquinas da madrugada, nas casas velhas transformadas em cinepornô e nos quartos fedidos, cheios de pecadores, cheios de pragas cheias de pus, pelo corpo, pela alma, a gente tentava espremer as feridas ali, um espremendo o outro, sujos como dizem, **a gente era igual, e era diferente, que travesti não cuida de vergonha** (Gardel, 2021, p. 67, grifo nosso).

Raimundo começa a se reconhecer no diferente, identificar-se (Hall, 2006) com Suzanný, ao perceber que suas posições dentro da sociedade, naquela grande metrópole onde habitavam era rolar nos esgotos e (sobre)viverem nas margens e se escondendo. Nesse caso Raimundo muito mais, pois Suzanný já deixou de ter medo de sua identidade e a esbanja de forma mais escancarada, porque “travesti não cuida de vergonha” (Gardel, 2021, p. 67).

Nesse sentido, Annamarie Jagose (2017, p. 445) postula que a identidade seria “um efeito de identificação com e contra outros: por estar sempre em movimento, e sempre incompleta, trata-se de um processo, ao invés de uma propriedade”. Dessa forma, a noção de identidade moderna seria apenas uma ficcionalidade reducionista do que seria o processo complexo apreendido por alguns teóricos do século XX, na era pós-moderna.

Também em viés foucaultiano, Jagose (2017, p. 447) afirma que as “identidades sexuais marginalizadas não são simplesmente vítimas das operações do poder. Pelo contrário, elas são produzidas por essas mesmas operações”. A partir disso, conforme Buttler (2022), as identidades dissidentes são responsáveis por reforçar a cisheteronormatividade como um sistema repressivo. Assim, a estrutura, além de naturalizar a heterossexualidade pela repetição performática de identidade

normativa, gera identidades marginalizadas que ao mesmo tempo que reforçam a estrutura heteronormativa, são também oprimidas. Por outro lado, Michel Foucault (2021) afirma que onde há uma opressão há sempre um movimento de resistência, dessa forma havendo sempre um jogo de poder nas relações identitárias.

Por esse percurso, temos que as dissidências de sexualidade ao longo da história começaram a ser identificadas e demarcadas como diferentes. Desde então, são reprimidas e disciplinadas, postas à margem social, ao mesmo tempo que são higienizadas e forçadas a refletir traços das identidades estanques ficcionalmente coerentes. Caberia, por esse viés, questionar essa estrutura e desmantelá-la, fazendo com que se compreenda que existem formas diferentes de expressar a sexualidade, e que essa expressão pode mudar ao longo do tempo, a partir das vivências em sociedade e pelas questões que as atravessam ao longo da vida.

Dessa forma, nesse percurso de (des)identificar-se com Suzanný que Raimundo começa a se voltar à estrutura e começar a negá-la, consideramos assim esse como o *terceiro movimento*. Raimundo, então, começa a quebrar o ciclo que se repetia na família desde seu avô, e a desidentificar-se com a reprodução da norma sedimentada na tradição familiar. Ele volta ao hospital que deixou Suzanný sozinha e começa a cuidar dela e após isso, começam a viver juntos. Com o passar do tempo Raimundo muda no que se refere a como se vê, não esconde mais quem é e com quem vive, como podemos perceber neste trecho:

Quando a gente sai na rua é desse jeito, fica segurando minha mão, ainda hoje tem gente que estranha, homem velho de mão dada com travesti velha, uns cochichando de um lado, uns olhando atravessado de outro, deixa estranhar, um dia eles aprendem, eu aprendi, eles aprendem, mas tem que querer, querer sair da ignorância, é quase como eu querendo aprender a ler e escrever, tomei a decisão de ver o mundo de outro jeito, me sentir mais dentro dele, porque a ignorância faz é isso, exclui, isola, e não era isolado que eu vivia? arrodado de homem, de caminhoneiro, de chapa, mas sempre com um muro na minha frente, e quem levantava esse muro era eu, todo dia um pouquinho, quando me enroscava com uma mulher na frente deles só pra fazer pose, era um tijolo, quando insultava ou ria com eles se o assunto era homem que gostava de homem, mais tijolo, mas o muro crescia mesmo era quando eu ia no cinema pornô, o muro crescia e alargava, me enclausurou lá dentro, ficou difícil enxergar além do muro, eu tinha raiva de viver com ele, mas o desgraçado me ajudava, me protegia, eu acreditava (Gardel, 2021, p. 97-98).

Raimundo reconhece que ao se esconder negava sua identidade e, com ignorância reproduzia a heteronormatividade. Observamos, então, um movimento de desidentificar-se (Muñoz, 1999) com a norma, ao identificar que a ignorância que o fazia agir da forma que agia. O protagonista então se desidentifica, tanto de dentro para fora, ao reconhecer-se e compreender-se melhor, quando de fora para dentro, ao aceitar estar e querer estar presente e de mãos dadas com sua amiga, quase que como um casal.

Raimundo quase que questiona ‘O que tem um homem velho estar de mãos dadas com uma travesti?’. Seus corpos não podem existir, suas identidades não podem se expor lado a lado sem medo? Raimundo e Suzanný questionam a norma com esse ato, a mesma norma que por muito tempo Raimundo reproduziu e que utilizou para embasar suas agressões contra Suzanný. Sim, ele se estranhou no início, muitas pessoas também os estranham, mas tem que querer reconhecer, tem que partir de dentro para que o muro que foi criado, não só por ele, mas pelo sistema que a sociedade impõe aos corpos queer, se desconstrua aos poucos. Raimundo achava que, ao erguer esse muro, seria protegido da opressão que vinha de fora, mas não se sentia bem ao mesmo tempo enquanto aquele se alargava e tomava conta dele, ele se perdia e não se reconhecia mais.

Depois de derrubar esse muro Raimundo se sentiu melhor e começou a aceitar e compreender sua identidade.

meu jeito, meu desejo não me doía mais, e eu pude olhar a vida desse outro lugar, mais alto, mais claro, claro que enfrentei gente, onde que se vive sem enfrentar gente? talvez aí pelo céu, depois que vira espírito, enquanto temos corpo, o corpo molda tanto nesse mundo que não justifica, tive que afrontar desaforo de pessoa que não aceitava que eu morava com travesti, que eu era costureiro (Gardel, 2021, p. 84).

Saindo dos quartos escuros dos cinemas pornô, Raimundo vê mais uma vez a claridade que um dia viu, quando esteve com Cícero, quando finalmente quem ele era não lhe doía mais. Não foi um percurso fácil, até porque ser diferente em uma sociedade que tenta impor um padrão a ser exercido no que se refere à sexualidade e gênero é rebelar-se contra um discurso homogeneizador que controla os corpos. Raimundo se reconfigura e negocia sua identidade por meio da desidentificação, de

modo que é absorvido pela ideologia homofóbica e por isso reproduz o preconceito que sofreu como forma de se esconder da opressão que também poderia sofrer.

Dessa forma, percebemos que para que identidade sexual de Raimundo pudesse enfim florescer, ele precisou passar por um percurso dificultoso. Ele precisou ir contra a família e a maioria daquelas pessoas que convivia, chegando a quase matar Suzanný que representava tudo que ele mais odiava em si. Precisou questionar a sua identidade que era construída ao mesmo tempo pela relação que se criava entre ele e os outros ao seu redor e a relação consigo mesmo.

Ao identificar-se cada vez mais com Suzanný pelas suas vivências marginais foi que percebeu que estaria reproduzindo a mesma história de seu avô, de seu tio, de seu pai. Raimundo notou que aquilo não lhe fazia bem e machucava aqueles que eram, assim como eles, diferentes. Começou então a enxergar a norma por ele reproduzia e começou a pô-la em xeque desidentificando-se com ela cada vez mais enquanto se aproximava ainda mais de Suzanný. Raimundo começou a nadar contra a água que lhe sufocava, a pressão que a heteronormatividade lhe fazia e ainda fez, interna e externamente. Com muito esforço, conseguiu aceitar e assumir sua identidade, identificou-se como homem *viado*, mas perdeu muito no caminho, inclusive a si mesmo, mas acabou por se encontrar.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi exposto, pretendíamos responder ao questionamento: Como é construída a identidade de Raimundo, protagonista de *A palavra que resta*, de Stênio Gardel, à luz dos estudos queer? Para que isso fosse alcançado objetificamos analisar a construção da identidade de Raimundo a partir de uma perspectiva queer.

Às vistas disso, elencamos a fortuna crítica de *A palavra que resta*, de Stênio Gardel nos repositórios disponíveis de pesquisa. A partir desse levantamento, observamos que não havia pesquisas voltadas para a formação da identidade de Raimundo num viés queer, o que nos fez observar obra a partir de um novo olhar, o da teoria queer em diálogo com os conceitos selecionados de identidade, identificação e desidentificação.

Nesse viés, para que fundamentássemos a pesquisa e compreendêssemos o processo de construção da identidade de Raimundo, fizemos um breve panorama da história do movimento gay ao movimento queer, por meio das noções históricas de Richard Miskolci (2012) e Renan Quinalha (2022). Na sequência, traçamos algumas críticas à política de gênero a partir de Guacira Lopes Louro (2018) e às noções de gênero e sexualidade por meio dos pressupostos de Gayle Rubin (2017), Tamsin Spargo (2017), Michel Foucault (1996, 2021), Judith Butler (2019, 2022). Além disso abordamos o conceito de identidade em Stuart Hall (2006), Tomaz Tadeu Silva (2000), Annamarie Jagose (2017) – a partir de uma perspectiva queer – e José Esteban Muñoz (1999) para que pudéssemos identificar os processos de construção da identidade de Raimundo em termos de sexualidade.

Com isso percebemos que a identidade sexual do protagonista da obra *A palavra que resta* é construída na obra por constantes processo de identificação em relação aos outros – Suzanný por exemplo - e desidentificação com a estrutura reproduzida e por suas relações inter- (com o outro) e intrapessoais (consigo mesmo). Por vezes, a identidade de Raimundo estava subvertida pelas relações com personagens da obra que reproduzem um processo naturalizado de encucação de processos identitários por meio da conjuntura sócio-histórica e cultural que funciona como um motor de identidades “normais” e desviantes. Mas também por um processo interno de Raimundo que o deixou entre a norma impostas pelos outros e seu desejo.

Dessa maneira, compreendemos que ocorreram três movimentos para a construção da identidade de Raimundo: um *momento inicial* de descoberta de

Raimundo e Cícero; um *secundário de questionamento*, a partir da família no que diz respeito a sua identidade sexual; e, por fim, *a reprodução do padrão identitário* socialmente imposto, que gera uma negação de si.

No primeiro momento, percebemos como o âmbito familiar representa um propulsor de reprodução de valores normativos e ao conhecer Cícero, há uma mudança na compreensão de Raimundo sobre si mesmo. Quando Raimundo não performa aquilo que era esperado, ou seja, uma masculinidade normativa, ele é duramente reprimido tanto pelo seu pai, por meio da surra que lhe dá, quanto por sua mãe, que o ignora completamente com base em discursos religiosos. São estes acontecimentos que fizeram com que, por meio da repressão, Raimundo voltasse a reproduzir a estrutura, o que não dura por muito tempo, pois amenizava suas vontades na surdina em cines pornô.

No segundo momento, temos o embate entre as questões internas que Raimundo trazia a partir da sua vivência em família com a realidade vivida na cidade grande. Raimundo então internaliza ainda mais a estrutura imposta anteriormente pelos pais e começa a viver entre os caminhoneiros performando uma identidade durante o dia e durante a noite cedendo aos seus desejos reprimidos nos cines pornô. Não só isso, como também oprime através da norma corpos que para ele são repugnantes, mas ao mesmo tempo que o fazem identificar-se.

O último movimento ocorre quando, ao ter maior contato com a identidade desviantes de Suzanný, Raimundo reconhece nela a si mesmo. Ao identificar-se com a travestir e estranhar a norma Raimundo começa a reconhecer-se e se impor contra o movimento da norma heterocentrada. Raimundo começa pôr em xeque essa norma e quebrar o ciclo que se repetia na família desde seu avô.

Dessa forma, com esta análise pretendemos contribuir para o entendimento da construção identidade de Raimundo, no que se refere a sua identidade sexual, por meio das relações existentes dentro da obra. Reconhecemos que este trabalho não esgota aqui as discussões sobre a formação da identidade sob uma perspectiva queer. Uma das coisas que desejávamos ter feito neste trabalho era propor uma definição de identidade queer, bem como abordar outros vieses que foram citados de forma pontual no trabalho, porém por questão de tempo e outros contratempos não foi possível, fica uma sugestão para o futuro. Assim, muito do que foi aqui abordado não só servirá como fomentador de outras questões a serem vistas e pesquisadas, como também será fundamental para futuras incursões nossas.

REFERÊNCIAS

- BEZERRA, Thátilla Ruanna Dias. A Homofobia Familiar em A palavra que resta de Stênio Gardel. *In: Revista Educação em Contexto*, Goiânia, v. 2, n. 2, 2023. p. 181-192.
- BONNICI, Thomas, Teorias estruturalistas e pós-estruturalistas. *In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). Teoria literária: Abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3. ed. Maringá: Eduem, 2009.
- BUTLER, Judith. *Corpos que importam: os limites discursivos do sexo*. São Paulo: Crocodilo, 2019.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismos e subversão da identidade*. 22. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade 1: A vontade de saber*. 12. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e terra, 2021
- GARDEL, Stênio. *A palavra que resta*. São Paulo: Companhia das letras, 2021.
- GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 6. ed. São Paulo: Atlas SA, 2017.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2006.
- JAGOSE, Annamarrie. Queer: Homossexual, lésbica ou gay, queer. *In: BRANDÃO, Izabel (org.) et al. Traduções da Cultura: Perspectivas Críticas Feministas (1970-2010)*. Florianópolis: EDUFAL; Editora da UFSC, 2017. p.436 – 473
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Atlas 2003.
- LIMA, Fábio Augusto Gomes; ANDRADE, Ana Caroline Negrão Berlini de Andrade. A desconstrução do sertanejo em A palavra que resta, de Stênio Gardel. *In: VII Semana Universitária da Urca – XXV Semana de Iniciação Científica da URCA e VIII Semana de Extensão da URCA*, Crato, 2022.
- LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre a sexualidade e teoria queer*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.
- MISKOLCI, Richard. *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. Belo Horizonte: Autêntica Editora/UFPO, 2012.
- MUÑOZ, José Esteban. *Disidentifications: Queers of Color and performance of politics*. University of Minnesota Press, 1999.

NUNES, Ruan. Coração, Cruz E Cu: Tecnologias de Aprumação em A Palavra que resta, de Stênio Gardel. *In*: LIMA, Solimar Oliveira; BARROS JÚNIOR, Francisco de Oliveira; SILVA, Marcos Antônio Ângelo da (orgs). *LGBTQIAPN+ Polifonias*,: Teresina: EDUFPI, 2023. p. 233-255.

OLANDA, Icaro Cesar Cainan da Cunha Claro. *Cartas e Diálogos com A Palavra que resta, de Stênio Gardel*, 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Letras Português e Espanhol) - Universidade Federal do Pampa, Jaguarão, 2022.

ORTIZ, Renato. “*Pós-modernidade*”, *identidade e tecnologia no mundo globalizado. Entrevista especial com Renato Ortiz*. [Entrevista concedida a] IHU On-Line. Instituto Humanitas Unisinos, jun. 2014.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. 2. ed. Novo Hamburgo: Editora Feevale, 2013.

QUINALHA, Renan. *Movimento LGBTI+:* uma breve história do século XIX aos nossos dias. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

RUBIN. Gayle. *Políticas do sexo*. São Paulo: Ubu Editora, 2017

SILVA, Alex Bruno da. O Retorno Ao Sertão: Deslocamentos espaciais e Identitários em *Nossos ossos* e a *Palavra que resta*. *In*: ALMEIDA, Lucélia de Sousa *et al. Perspectivas contemporâneas nos estudos literários*. EDUFMA. Universidade Federal do Maranhão, 2024. p. 42-54.

SILVA, Tomaz Tadeu. *Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SPARGO, Tamisin. *Foucault e a teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.